

# A UNIDADE DOS SEIS

*O herdeiro especial*

# A UNIDADE DOS SEIS

*O herdeiro especial*



CRISTINA CASTELLAR

SEIS

Copyright © Cristina Castellar, 2006

**Direção editorial**  
Rubens Arias Carrion

**Coordenação editorial**  
AGWM Artes Gráficas

**Projeto gráfico**  
Walter Mazzuchelli

**Ilustração da capa**  
Eduardo A. Louzada

**Preparação e revisão**  
Mineo Takatama

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Castellar, Cristina

A unidade dos seis : o herdeiro especial / Cristina Castellar. — São Paulo :  
Editora Zeiz, 2006

ISBN 85-60289-00-3

1. Ficção brasileira I. Título

06-6847

CDD-869.93

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção : Literatura brasileira

869.93



2006

Todos os direitos desta edição reservados à  
**Editora Zeiz LTDA.**

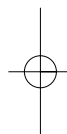
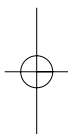
Rua Padre João Manuel, 222, 13º andar, conj. 135

CEP 01411-000

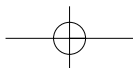
Cerqueira César – São Paulo-SP

Telefone: (11) 3063-2494

e-mail: [editorial@editorazeiz.com.br](mailto:editorial@editorazeiz.com.br)



*Para  
Rubens e Caio*



# Sumário

Prólogo 9

## PARTE I

### A herança

CAPÍTULO 1	Mistério em Tússu	13
CAPÍTULO 2	Elijah	15
CAPÍTULO 3	Os três vultos	18
CAPÍTULO 4	O arco-íris	21
CAPÍTULO 5	As cabeças	24
CAPÍTULO 6	Os quadros do baú	27
CAPÍTULO 7	Desvendando o baú	31
CAPÍTULO 8	A Galeria de Quadros e Jóias	34
CAPÍTULO 9	A carta	37
CAPÍTULO 10	Galla	40

## PARTE II

### A caminho do Castelo-Pirâmide

CAPÍTULO 11	A viagem	45
CAPÍTULO 12	Aos pés da Cordilheira Branca	50
CAPÍTULO 13	Rumo às Quatro Colunas	52
CAPÍTULO 14	O Atalho das Câmaras Subterrâneas	58
CAPÍTULO 15	Elijah cruza o atalho	60
CAPÍTULO 16	O <i>Tanteutus engus</i>	70
CAPÍTULO 17	O obelisco	74
CAPÍTULO 18	A Fortaleza Anteparo	78
CAPÍTULO 19	As provas penta-thlicas-tônicas	84
CAPÍTULO 20	Pitonisa	108
CAPÍTULO 21	O Equilíbrio	111

**PARTE III**

Desvendando os segredos do Castelo-Pirâmide

CAPÍTULO 22	O Castelo-Pirâmide e os guardiães	127
CAPÍTULO 23	As portas sem maçanetas	131
CAPÍTULO 24	Vantz e o presente de Mentu	134
CAPÍTULO 25	O Jogo das Terras Secas	138
CAPÍTULO 26	A marca do herdeiro	143
CAPÍTULO 27	A Floresta Azul	147
CAPÍTULO 28	A salema	151
CAPÍTULO 29	A estela	154
CAPÍTULO 30	A vingança de Fenrar	157
CAPÍTULO 31	A porta do verbo ABRIR	160
CAPÍTULO 32	Mentu	164
CAPÍTULO 33	A revelação	166
CAPÍTULO 34	A vingança de Mem	174
CAPÍTULO 35	O jantar	181
CAPÍTULO 36	A Passagem Pequena	184

**PARTE IV**

A Unidade se forma

CAPÍTULO 37	Chegada ao passado	195
CAPÍTULO 38	A proprietária	201
CAPÍTULO 39	O sarau	205
CAPÍTULO 40	O pingente-esquife	209
CAPÍTULO 41	O poço de Ferganghenrait	214
CAPÍTULO 42	A Unidade	220
CAPÍTULO 43	A reunião	223

**PARTE V**

Em busca do caixão do Construtor

CAPÍTULO 44	O enfrentamento	229
CAPÍTULO 45	A ponte	234
CAPÍTULO 46	As montanhas gêmeas	236
CAPÍTULO 47	O fantasma "Cabeça Elíptica"	245
CAPÍTULO 48	O caixão	249

# Prólogo

**I**líria, a mais famosa filósofa de Tússu, atravessou seu pequeno castelo o mais rápido que seu corpo envelhecido permitia e trancou-se amedrontada na biblioteca.

“Teria ela escapado?”, pensou.

Apoiada no parapeito da janela, procurou ao longe a assustadora sombra que avistara movendo-se em direção à cidade. Para sua surpresa a tenebrosa silhueta havia desaparecido e em seu lugar estava a mesma paisagem de sempre: a gigantesca sombra projetada pela Cordilheira Branca.

“Enganei-me!”, suspirou, aliviada, afastando-se da janela. Seu olhar voltou-se então para as estantes ao seu redor e, antes de dar o primeiro passo em direção a elas, uma voz cavernosa vinda do jardim ecoou na biblioteca: — Quero o que me pertence!

Com o coração descompassado, Ilíria olhou para fora a tempo de ver o vulto há muito temido movendo-se entre as árvores.

Apavorada, fechou a janela da biblioteca rapidamente. “Como ela conseguiu escapar?”, perguntou-se, ao mesmo tempo em que a imagem de seu neto Eliah lhe vinha à mente.

“Preciso deixar uma mensagem para ele. Daqui para a frente tudo dependerá dele”, pensou, entristecida, enquanto puxava um baú guardado embaixo de uma das estantes.

Recordou-se de tudo o que sabia e com as mãos trêmulas começou a escrever uma carta. Ainda não a terminara quando uma pancada na janela avisou-a de que seu tempo se esgotara.



*A Unidade dos Seis*

Com os olhos cheios de lágrimas depositou a mensagem incompleta no baú e trancou-o às pressas. Dentro dele estavam todos os segredos que Eliah precisava conhecer. Ele tinha somente quinze anos, mas Ilíria esperava ardentemente que pudesse compreendê-los e perdoá-la por ter-lhe ocultado o passado. Ela tentara apenas protegê-lo.

De repente, a janela se escancarou e um vendaval invadiu a biblioteca, arremessando-a ao chão e derrubando os móveis e os livros que estavam ao seu redor. Tentou arrastar-se até a porta, mas foi impedida pela mesma voz cavernosa.

— Não tente fugir! Dê-me o que me pertence ou morrerá.

Num esforço sobre-humano, Ilíria pôs-se de pé e encarou aquela figura horrenda postada à sua frente.

— Jamais lhe darei! — gritou.

— Então, seu destino está selado! — respondeu o vulto, lançando-se sobre ela. Paralisada, Ilíria sentiu a escuridão envolvê-la, ao mesmo tempo em que suas forças se esvaíam.

Quando estava prestes a desfalecer, a porta da biblioteca se abriu com estrondo e a escuridão se dissipou. Mas, infelizmente para Ilíria, já era tarde demais. Restavam-lhe poucos minutos de vida.

PARTE I

*A herança*



## CAPÍTULO 1

# Mistério em Tússu

**O** DIA AMANHECEU ENSOLARADO E AGRADAVELMENTE MORNO EM MAGNÍFICA, A CHARMOSA CAPITAL DE TÚSSU. Era comum nessas manhãs ver seus habitantes lançar um olhar admirado em direção à Porta da Sabedoria, um simples arco formado de pedras, cuja origem era desconhecida, mas tinha um caráter mágico: quando alguém passava sob ele uma ou mais pedras se iluminavam.

No começo ninguém sabia o que aquilo significava, mas com o passar do tempo descobriram uma relação entre o número de pedras iluminadas e o grau de sabedoria das pessoas. Quanto mais pedras se iluminassem à passagem de alguém, mais sábia essa pessoa seria.

Nesse dia em que começa nossa narrativa algo estranho acontecera. Nas ruas largas e antigas, os moradores se agrupavam agitados sem se importar em olhar a Porta da Sabedoria ou o horizonte. Se o tivessem feito, teriam notado dois fatos estranhos: o Grande Bosque, aos pés das montanhas, mudara de cor — as copas das árvores, sempre verdes e brilhantes ao sol, estavam amarelas e secas —; e a sombra projetada pela cordilheira tinha um contorno que não correspondia ao formato das montanhas e movia-se estranhamente para longe da cidade.



*A Unidade dos Seis*

Desafortunadamente, as pessoas que entravam em seus pequenos castelos emoldurados por várias torres e deles saíam às pressas estavam mais preocupadas em comentar e repetir sem parar a surpreendente notícia que mobilizava todos os habitantes.

— ... foi encontrada pelo neto...

— ... disseram que sua biblioteca estava toda revirada...

— ... mas quem poderia ter feito isso? — era a pergunta mais comum ouvida naquela manhã.

— ... certamente não foi nenhum tussiano — diziam, perplexos, os moradores.

— ... mas, então, quem foi? — perguntavam-se, pesarosos.





## CAPÍTULO 2

*Eliah*

**M**AIS UM DIA HAVIA SE PASSADO DESDE A MORTE DE ILÍRIA. Os raios de sol do fim da tarde atravessavam os vitrais coloridos do pequeno castelo de Eliah e iluminavam um ambiente quase vazio. Os móveis e as obras de arte, acumulados por gerações, haviam sido vendidos.

Muita coisa mudara na vida de Eliah desde que encontrara sua avó quase sem vida.

Parado ao lado de um velho baú, um dos poucos objetos que restara na biblioteca, tentava imaginar o ocorrido na noite da morte de sua avó e tremia só de pensar no sofrimento pelo qual devia ter passado. Num espelho antigo postado à sua frente via sua imagem refletida. Os cabelos claros, caídos sobre a testa, davam-lhe aparência abatida; os olhos escuros estavam cansados e o corpo arqueado escondia os músculos adquiridos à custa de muitos exercícios.

“Deve haver uma explicação para toda essa tragédia”, pensou, endireitando o corpo.

Lembrava-se dos discursos feitos ao pé da sepultura da avó enaltecendo uma das maiores qualidades da filósofa mais premiada de Tússu: a coragem. E isso contrastava com o comportamento atemorizado que notara no dia de sua morte. Naquela ocasião, perguntara



*A Unidade dos Seis*

se havia algum problema, mas ela respondera simplesmente que não e trancara-se na biblioteca.

Por isso, quando correu até a biblioteca no meio daquela noite, despertado pelo barulho ensurdecedor vindo de lá, lembrou-se do seu comportamento atemorizado ao deparar-se com o ambiente de destruição. Livros espalhados por todo o cômodo; estantes jogadas no chão; mesas viradas e sua avó, ferida, estava caída ao lado do baú. Parecia que um vendaval tinha varrido aquele aposento.

Ela estava morrendo e apertava uma pequena chave em uma das mãos. Suas últimas palavras foram misteriosas e não saíam da mente dele: “O baú é seu tesouro. Carregue-o para onde for. Deveria ter falado antes... mas quis poupá-lo...”

Então, passou-lhe a chave e balbuciou com dificuldade: “Somente ela poderá abrir o baú... tente compreender... dentro dele está o talismã... Jamais o perca”. Os olhos dela fitaram o vazio e num último esforço sussurrou um verso:

A BOLSA DE COURO O MAL LIMITARÁ  
MAS SE ALGUÉM O LIBERTAR  
SEU PODER RETORNARÁ...

Esses versos eram familiares a Eliah; entretanto, não se lembrava de onde os havia lido. “O que quis dizer com isso?”, pensou.

Inutilmente Eliah tentou reanimá-la. Todas as respostas e explicações de que precisava morreram com ela.

Nem mesmo a leitura do testamento trouxe qualquer luz às enigmáticas palavras proferidas pela avó antes de morrer. Sua herança resumia-se a um amontoado de dívidas, que surpreenderam até mesmo seu eterno e fiel empregado Mem, um tussiano diferente, pouco interessado na leitura, amante da vida simples, sem angústias ou preocupações filosóficas e dedicado aos esportes, que conferiam vitalidade ao seu corpo forte. Quem o visse não diria estar próximo dos cinquenta anos. Sua pele clara, quase sem rugas, dava-lhe uma aparência jovial.

*O herdeiro especial*

E foi ele quem interrompeu os pensamentos de Eliah, adentrando com suas passadas largas na biblioteca.

— Não é melhor abrir logo esse trambolho para vermos o conteúdo dele? — perguntou Mem, impaciente, notando que, desde o falecimento da avó, Eliah passava horas em silêncio, olhando o baú cuja chave ela lhe entregara. De fato, estava tão absorto que nem sequer respondeu à pergunta do empregado.

Mem lembrava-se de tê-lo visto assim somente uma vez: foi no dia de sua chegada àquela casa. Estava magro, abatido, e ficava a maior parte do tempo em silêncio. Tinha apenas cinco anos, mas parecia entender a dimensão do drama que o atingira. Os pais dele haviam desaparecido tentando explorar o outro lado da Cordilheira Branca, a gigante intransponível.

A falta deles, porém, não o impediu de encontrar seu caminho, com a ajuda da avó e do próprio Mem, tornando-se um dos jovens mais brilhantes e promissores de Tússu. Seu brilhantismo não causou nenhuma surpresa entre os habitantes de Magnífica, pois todos o tinham como alguém especial desde que cruzara pela primeira vez a Porta da Sabedoria, quando uma sexta pedra se iluminara à sua passagem, algo que não ocorrera nem mesmo com os mais sábios de Tússu.

Por isso ninguém se surpreendeu com sua facilidade em aprender. Seus conhecimentos de história, arte e música erudita eram invejados até pelos anciãos mais cultos da cidade, e era um dos poucos de sua idade a se expressar fluentemente em tussiano clássico. Além disso, sua habilidade em resolver charadas e enigmas complexos, que a avó incentivava-o a aprimorar ao máximo, não encontrava rival na cidade.

Passados dez anos, novamente perdera quase tudo, mas, ao contrário do que ocorrera naquela época, tinha agora um brilho resolutivo no olhar.



## CAPÍTULO 3

*Os três vultos*

**F**AZIA ALGUM TEMPO QUE MEM O DEIXARA, DANDO-LHE TEMPO PARA SE PERGUNTAR POR QUE SEMPRE SENTIRA CURIOSIDADE E TEMOR EM RELAÇÃO AO BAÚ. Era verdade que em uma época de sua vida, quando ainda pequeno, pensou em abri-lo às escondidas da avó. Um dia, criou coragem e aproximou-se dele. Demorou-se contemplando seus entalhes dourados, e uma estranha inscrição na tampa que agora já não existia. Quando estava prestes a tocá-lo ouviu a avó se aproximar e escondeu-se rapidamente. Assim que ela afastou-se, correu para longe, pensando tê-la enganado.

Ela nunca o repreendeu por isso, mas teve certeza de que ela descobrira o que fizera, pois desse dia em diante manteve o baú permanentemente trancado. Ele, por sua vez, nunca mais pensou em abri-lo e agora que podia fazê-lo sentia um receio inexplicável. Era como se durante a vida inteira soubesse que tinha um encontro marcado — um encontro marcado com o passado escondido no baú.

Enquanto refletia, colocou a chave na fechadura. Para seu espanto, antes que a girasse, a tampa do baú abriu-se silenciosamente e parou à altura de seus olhos, revelando-lhe o esquisito forro de veludo azul onde cinco quadros estavam pintados.



*O herdeiro especial*

Contemplou-os por algum tempo, tentando entendê-los. “Talvez contenham alguma mensagem”, pensou. Se a avó estivesse viva, poderia explicar-lhe, mas agora quem poderia fazê-lo?

Um cheiro apetitoso de carne assada fê-lo lembrar-se do jantar. “Descobrir o significado desses quadros vai me tomar muito tempo. Farei isso mais tarde”, disse para si mesmo enquanto fechava o baú e dirigia-se à cozinha, onde Mem o aguardava.

— Você está com uma aparência horrível — ouviu-o dizer ao sentar-se à mesa.

— Acho que devo estar mesmo — respondeu Eliah, que sentiu uma pontada de tristeza ao olhar a cozinha vazia.

Já não havia os armários feitos de madeira retorcida, pintada em dourado, que sua avó tanto admirava, tampouco os enfeites pendurados nas paredes ou as cortinas nas janelas.

— Encontrou alguma coisa interessante no baú? — perguntou Mem, curioso, enquanto mastigava um pedaço de carne.

Eliah pensou nos quadros. Quando os entendesse poderia contar a ele. Agora nem valia a pena mencioná-los. Por isso respondeu:

— Nada... porque eu... mal...

Antes que pudesse explicar que “mal o abrira”, Mem já estava em pé, vermelho e irritado. Com certeza apenas ouvira o “nada”.

— Sabia que sua avó perdia tempo trancada na biblioteca com o baú. Por várias vezes a surpreendi tirando coisas dele, mas, assim que me via, guardava tudo e o fechava depressa. Cheguei a supor que houvesse um tesouro escondido, mas não ter nada foi demais! Sinto dizer, mas sua avó era mesmo desmiolada. Só nos resta vender esse pequeno castelo o mais rápido possível. Se não... viveremos como? — suspirou, olhando desanimado à sua volta e retirando-se para seu quarto, sem paciência para ouvir qualquer explicação.

Mais tarde, ao se deitar, Eliah já se esquecera do incidente, mas não dos quadros que vira no baú. De tanto pensar neles perdera o sono, mas percebeu que não era o único. Mem também parecia não conseguir dormir, pois podia ouvi-lo resmungar, mal-humorado.

*A Unidade dos Seis*

Se não fosse isso, teria ouvido passos de três vultos caminhando em direção ao jardim, ocultos por um súbito nevoeiro.

— Precisamos ajudá-lo a entender os segredos do baú! — disse o de capa verde.

— O solstício de verão se aproxima! — continuou o de capa marrom.

— A entrada se abrirá em quatro dias! — murmurou o terceiro vulto, que tomara a dianteira e, com um movimento de sua capa preta, fez a porta do pequeno castelo se abrir.

— Ele precisa ser avisado de que tem poucos dias para chegar à entrada! — disse novamente o vulto de verde, no exato momento em que o nevoeiro desaparecia e a porta se fechava atrás deles.





## CAPÍTULO 4

*O arco-íris*

**E**LIAH TOMAVA CAFÉ SOZINHO PORQUE NO PERÍODO DA MANHÃ MEM COSTUMAVA CUIDAR DE SEU MAIOR TESOURO: AS PLANTAS. Nesse dia, entretanto, Eliah sentiu algo diferente no ar. Mem não aparecera para lhe dar bom-dia, e isso nunca ocorrera desde que fora morar com a avó. Certamente ainda estava furioso por causa do baú, pensou, um pouco preocupado.

Dirigiu-se até o jardim dos fundos para encontrá-lo, mas, para sua surpresa, Mem não estava lá. Pôs-se então a andar pelos canteiros laterais da casa e nem sinal de Mem. Cada vez mais intrigado, foi caminhando em direção à frente do pequeno castelo e, ao ouvir o murmurinho vindo da rua, normalmente silenciosa, percebeu que estava certo quando pressentira alguma coisa estranha.

Ao chegar ao portão, o murmúrio havia se transformado num enorme falatório. Parecia que todas as pessoas da cidade estavam na frente do jardim, falando e olhando para cima. E, mais impressionante ainda, Mem também estava lá, conversando com sua maior inimiga, com quem não falava havia muito tempo, a senhora Norda, uma velha inconveniente e fofoqueira, dona de uma voz esganiçada

*A Unidade dos Seis*

e irritante. “Com certeza deve estar acontecendo alguma coisa extraordinária”, pensou Eliah.

— Talvez você possa nos dar uma explicação! Afinal, a sexta pedra se iluminou à sua passagem e... — antes que a senhora Norda terminasse sua frase foi interrompida por Mem.

— Quem deveria saber é a senhora, que é professora de geografia.

— Isso nada tem que ver com geografia. Você é muito ignorante! Às vezes, penso que não tem cérebro.

— Cérebro, quem não tem é a senhora — respondeu Mem, avançando na direção dela. — Sua cabeça é oca. Nela existe só uma boca do lado de fora que fala sem parar.

Em duas passadas Eliah colocou-se estrategicamente entre os dois.

— O que acha daquilo, meu jovem? — perguntou muito agitada a senhora Norda, apontando para o céu.

— Pergunte aos cientistas — ouviu Mem responder, irritado. Depois não ouviu mais nada. Ficou olhando, espantado, para o telhado de seu pequeno castelo, onde pairava o motivo de tanto alarde: um arco-íris verde, preto e marrom.

“Por isso Mem não veio me desejar bom dia”, pensou Eliah, aliviado.

— Ele está preso no telhado! — ouviu um menino gritar ao lado de Mem.

— Não! Não está! — retrucou alguém. — Está preso nas árvores do jardim.

— Diz a lenda que no fim de todo arco-íris existe um pote de ouro! — gritou, eufórica, uma senhora toda enrugada e de voz fina. — Vai ser fácil encontrar o fim desse aí! Vou ficar rica!

— Eu é que vou encontrar! — berraram em uníssono dezenas de pessoas se empurrando, tentando passar pelo portão.

— Aqui ninguém entra! — exasperou-se Mem do alto de seus dez palmos. — Quem tentar passar vai ter de me enfrentar! — E bloqueou a passagem com o corpo.

*O herdeiro especial*

Por alguns momentos fez-se um silêncio mortal na multidão. Até alguém gritar:

— Ele é um só. Não pode nos impedir. O ouro é nosso!

Mem nada pôde fazer contra a massa humana postada à sua frente. Em segundos, o enorme portão veio abaixo. Toda aquela gente entrou, pisoteou as plantas, deu voltas ao redor do pequeno castelo, mas não descobriu nada. Ninguém achou o começo ou o fim do arco-íris, que se manteve imóvel o resto do dia, contornando o pequeno castelo. Quando alguém tinha certeza de que as extremidades estavam no telhado, pareciam mudar para as árvores; quando corriam para as árvores, pareciam nunca ter saído do telhado.

Esse acontecimento bizarro foi motivo de comentários e conversas em toda a cidade. Algumas pessoas mais pessimistas chegaram a espalhar que o fenômeno era um mau presságio.

Mem, que nada pudera fazer contra a invasão, achou melhor refugiar-se com Elish no interior do pequeno castelo. Somente à noite, quando as pessoas deixaram o jardim, espiou por uma das janelas o estrago feito nas plantas.

— Depois me chamam de inculto, porque apenas duas pedras se iluminam e uma terceira pisca quando passo pela Porta da Sabedoria — disse Mem com voz amarga —, mas olhe só para eles — e apontou para a multidão espalhada pela rua —, vangloriam-se, como a maioria dos tussianos, de que três ou quatro pedras se iluminam para eles, mas agiram como ignorantes. Destruíram todo o jardim, não encontraram nada e agora ficam parados no escuro com cara de tontos.

— Minha avó ficaria arrasada se visse as flores destruídas — lamentou-se Elish. — Bem que ela dizia que essa história de classificar a sabedoria das pessoas por graus ou “G”, como preferem as crianças, era uma tolice.

— Vamos esquecer esse povo e vamos dormir. Deixe que se arreembentem! — finalizou Mem, enraivecido.



## CAPÍTULO 5

# *As cabeças*

**A**LGUMAS HORAS DEPOIS, ELIAH AINDA NÃO TINHA CONSEGUIDO DORMIR. UMA SENSACÃO ESTRANHA O ASSALTAVA. Sentia o baú chamá-lo.

Levantou-se decidido a abri-lo.

Saiu em silêncio e, enquanto caminhava na escuridão, podia ouvir o ruído das vozes lá fora.

Ao entrar na biblioteca, uma surpresa fez seu coração bater acelerado. Diante dele estava aquilo que todos haviam procurado.

Pensou em voltar e chamar Mem, mas, antes que o fizesse, a porta bateu às suas costas e a chave girou na fechadura.

“Há mais alguém aqui e não quer me deixar sair”, pensou, sem tirar os olhos daquilo que o deixava boquiaberto e o fazia se perguntar: “Por que as extremidades do arco-íris estão aqui?”

— Porque este é o seu arco-íris e o baú é o seu pote de ouro. Ele o levará à sua verdadeira herança.

— Quem está aqui? — perguntou Eliah, atônito.

— Nós!

Lá fora uma brisa suave soprou e o arco-íris começou a tremer. Mem dormia profundamente e Eliah olhava à sua volta, tentando localizar de onde vinham as vozes.



*O herdeiro especial*

Quando descobriu, ficou pasmo. Flutuando sobre o baú, atrás de uma das extremidades do arco-íris, três cabeças lhe sorriam. Cada uma delas tinha parte do rosto oculta por um capuz. Apesar disso, Eliah pôde distinguir o rosto de uma mulher e de dois homens, todos de aspecto centenário.

— Sua avó devia ter-lhe contado tudo sobre o baú, mas temia que você tivesse o triste fim de seus pais — disse a cabeça de capuz preto. — Ela errou ao achar que poderia impedi-lo de seguir seu caminho.

— Saiba usar sua mente. Ela o ajudará a chegar ao Castelo-Pirâmide — continuou a cabeça de capuz marrom e voz feminina.

— Ela devia ter-lhe falado sobre os “Cinco” — disse a cabeça de capuz verde, sem dar-lhe tempo de fazer perguntas.

Eliah olhava para uma e para outra cabeça como se estivesse hipnotizado. Aquilo realmente estava ocorrendo ou seria sua imaginação? Nunca tantos acontecimentos estranhos haviam povoado sua vida tão pacata. Primeiro, o arco-íris; agora, as cabeças. Com certeza Mem não acreditaria em nada daquilo.

— Nós viemos para ajudá-lo — disse novamente a cabeça de capuz preto, parecendo ser a líder. — Os quadros pintados na tampa do baú lhe darão as pistas do que houve no passado. Basta acionar o mecanismo.

— Muito cuidado com a Maléfica! Ela vai tentar impedi-lo de tomar posse do Castelo-Pirâmide — alertou a cabeça de capuz marrom.

— Analise o conteúdo do baú e saia desta casa antes de amanhecer — continuou a cabeça de capuz preto. — Vá para a Cordilheira Branca com seu fiel escudeiro, e agora tutor. A entrada se abrirá em quatro dias. Chegue antes do solstício de verão e leve com você o baú.

— Precisamos antes vender nosso pequeno castelo — balbuciou Eliah quando conseguiu abrir a boca.

— O que é seu sempre será seu. As colunas do Templo provarão — disse enigmaticamente a cabeça-chefe. — Não conte a ninguém sobre seu destino. E lembre-se... Sempre estaremos com você.

*A Unidade dos Seis*

— Quem são vocês? Quem é a Maléfica? Qual é o mecanismo? Que colunas são essas? — perguntou Eliah. A ajuda das cabeças estava deixando-o ainda mais confuso.

As cabeças, entretanto, ignoraram as perguntas. Fecharam os olhos e flutuaram até o teto, desaparecendo sem dizer mais nada. Em seguida, as luzes do arco-íris enfraqueceram e também sumiram.

Do lado de fora as pessoas emitiram um grito de espanto ao ver o arco-íris noturno ser encoberto por uma súbita neblina antes de dissipar-se. Se não tivessem ficado tão chocadas com esse acontecimento, teriam percebido três vultos dirigindo-se para o final da rua e desaparecerem juntamente com o nevoeiro.

Eliah, por seu lado, achou melhor seguir o conselho das três cabeças. Pegou a chave do baú, amarrada no pijama, e abriu-o sem medo, fixando seu olhar nos quadros do forro da tampa.





## CAPÍTULO 6

*Os quadros do baú*

**E**LIAH OLHOU ATENTAMENTE OS QUADROS E PENSOU: “ELES ME DIRÃO O QUE HOVE NO PASSADO SE EU ACIONAR O MECANISMO, MAS ONDE ESTÁ O MECANISMO?”

Os minutos passavam rapidamente, obrigando-o a lembrar-se de que logo o dia estaria claro. “O tempo está contra mim!”, pensou, preocupado, ao constatar que apenas o primeiro quadro tinha sentido, pois mostrava o mapa de Tússu.

De repente, notou uma pequena caixa, pendurada abaixo dos quadros, confundindo-se com o forro da tampa, pois era feita do mesmo tecido.

“Por isso não reparei nela antes”, pensou Eliah enquanto abria a pequena caixa.

Dentro dela havia apenas um pequeno disco dourado. “Esse deve ser o mecanismo de que falaram”, pensou, olhando-o, curioso e espantado com a perfeição do objeto.

Era um disco de metal polido, com um enigmático rosto de traços geométricos desenhado de um lado e dez minúsculas fechaduras prateadas, numeradas de 0 a 9, do outro.

“Se eu tivesse uma chave que coubesse nessas fechaduras, desvendaria o passado guardado nos quadros.” Depois, pensou mais um



*A Unidade dos Seis*

pouco e chegou a uma conclusão: “Os quadros não têm sentido porque estão separados. Na verdade, todos deveriam fazer parte de uma única pintura. Preciso colocar um dentro do outro”.

“Mas como farei isso?”, perguntou-se ao mesmo tempo em que sentiu um calor queimar-lhe o rosto e gotas de suor cobrirem-lhe a testa.

Uma súbita sonolência fez seus olhos se fecharem por alguns segundos. “Isso sempre me acontece nos momentos de aperto”, lembrou Eliah, já sabendo que ao abrir os olhos alguma coisa teria acontecido a seu favor.

“A posição dos quadros mudou”, reparou, intrigado, observando-os flutuarem quase colados à tampa.

A pequena caixa, pelo contrário, continuava pendurada, mas o prego que a sustentava tornara-se brilhante e transformara-se em uma minúscula chave.

— É isso! — exultou, enquanto pegava a pequena chave e procurava introduzi-la na fechadura número 0. — Encaixou! — gritou em delírio, ao perceber que ela se ajustava perfeitamente ao orifício. — Mas... não girou — sussurrou, desapontado.

Após alguns minutos de reflexão, seu rosto se iluminou.

Passou então a experimentar a chave em cada fechadura.

Foi assim com a número 1, com a número 2, 3 e 4, até que na número 5 a chave girou e instantaneamente o disco brilhou.

“Disseram que devo sempre usar minha mente”, lembrou Eliah, “mas até agora isso quase não foi necessário”.

Ainda segurava o pequeno disco, quando os olhos do rosto geométrico se abriram e uma transformação começou a ocorrer. O primeiro quadro, que lembrava o mapa de Tússu comprimiu-se e estendeu-se por algum tempo até ficar imóvel. Em seguida, o interior do mapa começou a entrar em erupção e uma quantidade enorme de montanhas começou a aparecer, formando aquilo que Eliah cansara de estudar desde pequeno: a imensa Cordilheira Branca dividindo Tússu.

Enquanto Eliah se concentrava no primeiro quadro, o nariz do rosto geométrico se mexeu e o quadro seguinte passou a se contorcer,

*O herdeiro especial*

dando um pulo e entrando no mapa. Os pequenos pontos vermelhos, as únicas coisas que existiam nele, caíram do lado inacessível da Cordilheira Branca, nas cercanias de alguns lagos que acabavam de surgir.

Aqueles pontos começaram a crescer e a se transformar em homens rudes e grosseiros de cujas bocas sobressaíam enormes dentes deformados. “Com certeza são os Sombrios”, pensou Eliah, afastando-se, receoso.

Nesse exato momento, as sobrancelhas do rosto geométrico se levantaram e o terceiro quadro, só com pontinhos pretos, pulou também para dentro do mapa, ao lado dos Sombrios. Os pontinhos cresceram rapidamente e se transformaram em mulheres pavorosas, que dançavam num ritmo frenético. Elas riam e mostravam com orgulho os desproporcionais dentes deformados.

Um arrepio percorreu o corpo de Eliah. Os “monstros” o encravavam como se o enxergassem, com uma ferocidade amedrontadora. Aqueles olhos refletiam acima de tudo inveja. “Mas de quem?”, perguntou-se.

Como se alguém pudesse ouvir seus pensamentos, as orelhas em forma de círculo do rosto geométrico se mexeram e o penúltimo quadro, repleto de rostos sorridentes, pulou para dentro do mapa, do lado acessível da cordilheira, fazendo crescer uma cidade. Imediatamente Eliah compreendeu. Aqueles eram os tussianos e era deles que os Sombrios e as mulheres horrorosas tinham inveja. Queriam apossar-se de tudo o que lhes pertencia.

Estava tão cansado que se esquecera do último quadro, com apenas uma pirâmide. Lembrou-se dele ao ouvir um longo assobio vindo da boca do rosto geométrico.

O que se passou, então, deixou Eliah ainda mais perplexo.

A imagem dos Sombrios desapareceu e o quadro da pirâmide pulou para o lado inacessível da Cordilheira Branca, no meio de uma floresta que acabara de crescer. Por alguns instantes a pirâmide permaneceu imóvel, até ser lentamente coberta por um manto negro,

*A Unidade dos Seis*

que se transformou em um rosto de mulher com o aspecto mais cruel que já vira, encarando-o desafiadoramente. Aquele olhar perverso tentou atemorizá-lo, mas, por algum motivo inexplicável, não se apavorou. Em seu íntimo uma mensagem se repetia sem parar: “Seu destino é o outro lado da cordilheira. A luta não terminou”.

Quando tudo foi encoberto, a pirâmide surgiu novamente e os cinco quadros voltaram ao estado original como se jamais houvessem se transformado.

Elijah, no entanto, sentiu que nada mais seria como antes. Aqueles olhos medonhos, impregnados de ódio, não paravam de espreitá-lo. Foi uma sensação estranha, como jamais experimentara.

Desviou o olhar dos quadros, e debruçou-se, então, sobre o fundo escuro. Para sua surpresa não havia muita coisa.





## CAPÍTULO 7

*Desvendando o baú*

UMA CAIXA ANTIGA DE JÓIAS, NA VERDADE UMA MINIATURA DO BAÚ, APENAS ENCAPADA COM COURO MAIS CLARO, CHAMOU A ATENÇÃO DE ELIAH. Dentro dela havia apenas uma corrente e uma ampulheta dourada diferente de todas que conhecia. Em uma de suas bases estavam gravados estranhos caracteres em alto-relevo e na outra, havia, encravada, uma pedra elíptica azul, que brilhou quando ele a tocou.

— Será essa ampulheta o talismã? — perguntou-se Eliah, lembrando-se de que, se fosse, não poderia perdê-lo. Por isso achou melhor prendê-lo na corrente e pendurá-lo no pescoço.

Em seguida, voltou a colocar a caixinha de jóias no baú. Ao fazê-lo, reparou em algumas bolotas de âmbar espalhadas no fundo, cujas cores variavam do amarelo ao laranja. Nesse momento, lembrou-se de que a avó gostava de falar sobre “gemas” ou “pedras preciosas”, e só de ouvi-la ele e Mem haviam aprendido muito sobre o assunto. Ao recordar-se, foi invadido por uma onda de tristeza e saudade. O tempo voltou ao dia em que soube que existia uma gema chamada âmbar.

A explicação ainda ressoava em seus ouvidos: “Gosto desta pedra. Sabe-se lá de quanta coisa foi testemunha. É fantástico imaginar



*A Unidade dos Seis*

insetos e agulhas de pinheiro aprisionados nela há milhares, talvez milhões de anos, mas é uma pena eu não ter nenhuma”, disse-lhe a avó sorrindo.

Naquele baú, entretanto, estavam as provas de que ela possuía não apenas uma pedra, mas várias. Sentiu um misto de decepção e raiva se apoderar dele, quando foi atraído por três objetos enfileirados no fundo do baú.

Um envelope amassado; um ovo grande e brilhante, que segurou por alguns instantes; e um pequeno caderno com o inconfundível brasão de sua família brilhando na capa.

Jamais compreendera o significado e as cores do brasão. No centro preto, contornado por uma faixa verde, havia cinco pequenas pirâmides brancas, rodeadas por seis torres arredondadas sem portas ou janelas. Na parte inferior, em dourado, ficava o símbolo do infinito que não fazia parte do desenho original.

Ao abrir o caderno, um enigmático pedido de desculpas, escrito por sua avó na contracapa, chamou-lhe a atenção:

ELIAH, EU LHE PEÇO PERDÃO.

DEVIA TER-LHE FALADO HÁ MUITO TEMPO.

Quando ia continuar a ler, a capa despregou-se do caderno e pôde ver a primeira página, onde, em letras garrafais, sua avó escrevera:

É MARAVILHOSO E AO MESMO TEMPO PREOCUPANTE TENTAR SER ADMITIDA NOS CINCO. ESPERO SER O ELO QUE FALTA. ESTAR NO CASTELO-PIRÂMIDE, OU NO QUE RESTOU DELE, É COMO VIVER UMA LENDA. O BILHETE DE MENTU, MEU AVÔ, ME DÁ FORÇA PARA CONTINUAR.

“Castelo-Pirâmide”, pensou Eliah, enquanto virava a página e lembrava-se de que as cabeças haviam se referido a ele.

*O herdeiro especial*

A segunda folha do caderno estava escurecida e as poucas frases estavam quase apagadas, mas atingiram-no como se tivessem acabado de serem escritas.

ELIAH, EM MEU DESESPERO PEÇO QUE SEU ESPÍRITO POSSA OUVIR-ME. MEU QUERIDO, NADA ESTÁ TERMINADO. O MAL NÃO TRIUNFARÁ SOBRE O BEM E A VERDADE. O TEMPO SEMPRE CORRE A FAVOR DO BEM. A MALDITA GALLA RECEBERÁ SEU CASTIGO. AS GERAÇÕES FUTURAS O VINGARÃO. SEU QUERIDO PAI, MENTU.

Elijah ficou estático, pasmo. A data revelava que o bilhete fora escrito fazia cem anos. Como um bilhete escrito há tanto tempo poderia ser endereçado a ele? Ou será que não era? De uma coisa ele tinha certeza: o nome de seu pai não era Mentu.





## CAPÍTULO 8

# A Galeria de Quadros e Jóias

*Muitos anos antes de o último bilhete encontrado por Eliah ter sido escrito uma reforma se realizava no Castelo-Pirâmide, a mais enigmática construção de Tússu.*

*Mentu supervisionava pessoalmente todos os detalhes, enquanto se recordava do que estudara sobre o Castelo-Pirâmide e seus antepassados. A história de sua família começava com a chegada de um soberano fugido de uma terra distante ao ser deposto por seu irmão. Ninguém sabia como ele e sua comitiva haviam chegado ali. Os registros mencionavam apenas que ele próprio fora o idealizador e construtor do castelo, erguido do lado inacessível da Cordilheira Branca.*

*O Castelo-Pirâmide fora construído no meio da floresta que se estendia desde a cordilheira até a região despovoada, à beira dos lagos quentes e salgados, onde outrora vivera o povo conhecido como “Sombrios”.*

*A vila formada ao redor do Castelo-Pirâmide e habitada pelos descendentes dos membros da comitiva que chegara com o soberano fornecia a mão-de-obra de que Mentu precisava. Os trabalhadores*



*O herdeiro especial*

*pintavam as paredes externas, dando vida à fachada do conjunto arquitetônico que parecia uma pirâmide em degraus ao ser vista de frente, e um castelo, com várias torres de observação, se visto pelos fundos.*

*Mentu passou por vários salões do andar térreo e chegou a um jardim interno, localizado no meio da construção. Ali, as plantas seriam trocadas por várias espécies escolhidas pela odiosa Galla. Ele decidira não interferir nessa parte da reforma. Isso caberia à sua pior inimiga.*

*Contemplou por alguns minutos os canteiros coloridos antes de se dirigir a um corredor escuro. Parou na frente de uma porta, verificou se não estava sendo observado e tirou do bolso a bolota de âmbar que havia anos guardava. Em seguida, entrou na Galeria de Quadros e Jóias.*

*As tochas que ornamentavam a parede circular do imenso salão giratório se acenderam, iluminando um sarcófago rodeado de balcões transparentes nos quais uma enorme quantidade de jóias de rara beleza estava guardada.*

*Na primeira vez que entrara ali, estava em companhia de seu pai e as palavras dele ficaram gravadas em sua mente: “Somente quem possuir ‘a marca do herdeiro’ poderá controlar o movimento do salão giratório. Devemos ter muito orgulho disso tudo: são partes do nosso passado. Este sarcófago é o Tumulo do Construtor. É graças a ele que estamos aqui!”*

*Em toda a sua vida Mentu jamais se esquecera daquele dia.*

*Agora, ao caminhar pela galeria, olhava especialmente para dois quadros que decoravam a parede circular: o de sua mãe e o do tio Nil.*

*Sob cada quadro, como nas lápides dos túmulos, havia uma inscrição com as datas de nascimento e morte do retratado, mas Mentu ainda podia ouvir a voz de seu tio convidando-o um dia para conversar.*

*Foram para o jardim onde ninguém poderia ouvi-los. Falavam como iguais, embora, na época, Mentu tivesse apenas nove anos.*

*— Não me conformo com a atitude de seu pai, casando-se com aquela mulher, se é que se pode chamar aquilo de mulher, depois de ter*

*A Unidade dos Seis*

*sido tão feliz com sua mãe — disse o tio, com raiva. — Existe um mistério em tudo isso. Em minha opinião, ela planejou a morte de sua mãe e enfeitiçou seu pai. E fez tudo isso com um único propósito: apoderar-se do Castelo-Pirâmide. Mas lembre-se: enquanto eu viver, ela jamais conseguirá.*

*Meses depois, após completar dez anos, Mentu fora enviado, contra a sua vontade, a um tradicional internato tussiano, localizado do outro lado da Cordilheira Branca. De sua casa tinha apenas notícias esporádicas. A solidão em que vivia na escola tornou-se insuportável ao saber da súbita morte do tio. Alguma coisa em seu íntimo dizia que Galla vencera.*

*Interrompeu as lembranças e deteve-se no talismã pendurado em seu pescoço. Ele o recebera do pai quando assumira o comando do Castelo-Pirâmide. Embora Galla desejasse ardentemente tê-lo, jamais o conseguiu, pois era destinado ao herdeiro.*

*Ganhara também um pingente com uma pedra branca semelhante a um olho aberto, mas preferia deixá-lo bem guardado. Sempre ouvira dizer que quem o encarasse teria os passos seguidos pelo olho. Era aterrorizante, e na infância o apelidara de “olho de Galla”.*

*Lembrou-se ainda de duas outras jóias de Galla guardadas sempre com ela, as quais não tirava nem para dormir. A mais bizarra era um pingente em forma de esquite preso a uma corrente de ouro. A outra peça era um anel com o formato de um pequeno baú cuja tampa se abria. Segundo seu tio, ali ela guardava um poderoso veneno.*





## CAPÍTULO 9

*A carta*

LOGO AMANHECERIA, MAS AS MÃOS DE ELIAH AINDA VIRAVAM FRENETICAMENTE AS PÁGINAS DO PEQUENO CADERNO COM O BRASÃO DE SUA FAMÍLIA ESTAMPADO NA CAPA.

Algo em seu íntimo lhe dizia haver coisas importantes a serem lidas e só parou quando encontrou outro bilhete amarelado pelo tempo. Uma agonia inexplicável se apossou dele ao lê-lo e descobrir que também fora escrito por Mentu:

A BOLSA DE COURO JAMAIS DEVERÁ CAIR NAS MÃOS DE GALLA. SE ISSO ACONTECER, SEU PODER SE FORTALECERÁ E QUASE INVENCÍVEL ELA FICARÁ.

“Deve haver algo terrível dentro da bolsa”, pensou, lembrando-se do dia em que a encontrara. Foi logo após o enterro da avó. As últimas palavras dela ainda continuavam sendo um mistério, quando lhe veio à mente que aqueles versos pertenciam ao quinto capítulo das *Tuliadas*, a mais famosa obra tussiana. Dirigiu-se ao que restara da biblioteca e, ao abrir o livro naquele capítulo, encontrou uma pequena bolsa de couro encaixada numa pequena cavidade existente logo abaixo daqueles versos.



*A Unidade dos Seis*

Enquanto se recordava, recolocou o caderno no baú e pegou o envelope. Dentro dele havia um mapa e uma carta escrita pela avó. Quase podia ouvir a voz pausada dela:

“Por várias vezes pensei em lhe contar o segredo ao qual vivi acorrentada durante toda a minha vida, mas, assim como perdi seu pai, tinha medo de perdê-lo. Tentando preservá-lo, procurei alterar o curso de seu destino, mas enganei-me. Você é o último herdeiro do soberano construtor do Castelo-Pirâmide e deve ir para o outro lado da Cordilheira Branca seguir o caminho reservado a todos os descendentes do herdeiro expulso do Castelo-Pirâmide.

Para ajudá-lo nessa empreitada, você contará praticamente com sua argúcia e com o baú, que tem sido passado de geração a geração. Ele contém vários objetos que o auxiliarão na luta contra o mal.

O mapa o levará às Quatro Colunas, onde está a entrada do Atalho das Câmaras Subterrâneas. É muito importante chegar lá antes do solstício de verão. E não se esqueça: para cruzar o atalho seu guia será o Ovo de Kiriak.

Ao chegar às montanhas, seus poderes ficarão mais fracos, mas não se desespere. Lembre-se sempre de usar sua mente: ela é o seu maior trunfo.

Em seu caminho para o Castelo-Pirâmide a Maléfica tentará confundir-lo. Procure a prova nas colunas do Templo. E lembre-se: quando estiver em uma encruzilhada, o caminho correto nem sempre é o mais fácil.

Ao ler esta carta, você já deverá ter encontrado dois objetos dos quais não poderá se separar: o talismã e a bolsa de couro. O talismã é uma ampolheta dourada feita pelo Construtor, para ser usado somente por seus descendentes. A bolsa de couro é...”



*O herdeiro especial*

Em vão Eliah procurou o restante da carta. Não havia nenhuma continuação dentro do envelope. Alguma coisa acontecera a sua avó e ela não pudera concluí-la.

Pensou em reler a carta, mas antes de fazê-lo foi invadido por um sentimento de perplexidade. No rodapé do papel, sua avó deixara registrada, em letra trêmula, a data em que escrevera a mensagem. Ela fora escrita no exato dia da morte dela.

— Ovo de Kiriak! Quatro Colunas! Talismã! — A cabeça de Eliah virara um redemoinho.





## CAPÍTULO 10

*Galla*

*Desde muito tempo, entre os moradores das cercanias do Castelo-Pirâmide circulava a lenda de que uma poderosa feiticeira, chamada Galla, vivia além da Floresta das Sombras.*

*Os poucos que diziam tê-la visto afirmaram ser seu rosto um mistério, pois os cabelos desgrenhados estavam permanentemente caídos sobre ele, deixando entrever apenas a boca, da qual saltavam dentes grandes e deformados, e os olhos, que refletiam ambição, maldade e, acima de tudo, muita inveja.*

*Nem mesmo os habitantes do castelo estavam imunes a essas histórias. Entre os mais antigos contava-se que ela havia descoberto o segredo da juventude eterna, pois nunca envelhecera. Outros afirmavam que já andava entre os homens muito antes de o primeiro soberano aportar a essas terras e chegara até mesmo a enfrentá-lo pela posse do Castelo-Pirâmide.*

*Dizia-se também que, em situações de perigo, podia se metamorfosear em diferentes animais ou mesmo se desmaterializar. As crendices atingiram tal dimensão que as pessoas passaram a colocar em suas janelas e portas pequenos amuletos para afastar aquele espírito maligno, principalmente após começar a circular o boato de que por onde ela passava uma misteriosa peste acometia os habitantes do lugar.*



*O herdeiro especial*

*Infelizmente, a lenda ganhou cunho de verdade quando toda a população carcerária de um presídio recém-instalado nas imediações do Castelo-Pirâmide foi dizimada por uma misteriosa peste, e uma mulher com as mesmas características da feiticeira Galla passou a ser vista nas redondezas.*

*Sua aparência chocou a todos, exceto o Senhor do Castelo da época, o pai de Mentu.*

*Algum tempo depois a esposa do Senhor do Castelo foi acometida de uma estranha doença, vindo a falecer logo em seguida. Qual não foi a surpresa de todos quando, a convite do soberano, aquela mulher passou a freqüentar o Castelo-Pirâmide. A surpresa só foi maior quando se soube que haviam se casado sigilosamente.*

*Tudo isso só fez aumentar a crença de que aquela mulher fora a responsável pela morte da esposa do soberano, e era de fato a feiticeira Galla.*

*Após sua chegada, o Castelo-Pirâmide transformou-se em um lugar lúgubre. Nunca se soube por quê, mas o soberano tornou-se apático e sem vida e morreu algum tempo depois, completamente alienado do mundo.*



PARTE II

*A caminho do  
Castelo-Pirâmide*



## CAPÍTULO 11

*A viagem*

**E**LIAH E MEM EQUILIBRAVAM-SE HAVIA HORAS NOS BANCOS DE MADEIRA DO VELHO BARCO. Cruzavam o último lago verde, deixando a planície onde sempre viveram para trás. Uma canção popular não abandonava o espírito de Eliah e as palavras latejavam em sua cabeça: “Se algum dia deixar minha terra, pode ser que eu não a veja mais”.

“Seriam tais palavras uma profecia?”, perguntava-se.

Haviam saído minutos antes de o dia clarear, como a cabeça-chefe recomendara, enquanto as pessoas ainda perambulavam na rua tentando decifrar o enigma do arco-íris desaparecido.

Para convencer Mem da urgência em deixarem a casa sem vendê-la, Eliah acordou-o e contou-lhe a respeito do baú e da estranha visita que recebera.

— Temos de sair imediatamente. Não precisamos arrumar nada. Minha avó escreveu para levarmos apenas o baú, pois nos será útil na luta contra o mal.

— Sua avó era maluca e você está ficando igualzinho. Que luta é essa? E por que o baú não a supriu para pagar as dívidas? — perguntou-lhe Mem, ainda sonolento.



*A Unidade dos Seis*

— Pare com isso — pediu-lhe Eliah, irritado com tantas perguntas. — Além do mais, o importante agora é sairmos antes de o dia clarear.

— Está bem, mas esse trambolho vai dar um trabalho enorme.

— Não podemos discutir isso.

— Então vou colocar algumas roupas e...

— Não temos tempo.

Mem, entretanto, era teimoso. Insistiu em pegar algumas roupas e sua “sacola de utilidades”, uma velha bolsa na qual guardava tudo o que achava importante, desde ferramentas até documentos.

— Mas a sua sacola não está sempre arrumada?

— Não para uma viagem mais longa. Preciso levar umas “coisinhas” extras.

Aparentemente sabia o que queria levar, porque menos de um quarto de hora depois já estava pronto e com pressa:

— Vamos! Você está me atrasando — brincou Mem.

Saíram, então, pela porta dos fundos, pouco antes de o dia amanhecer.

— Que idéia maluca essa do baú. Vai ser muito difícil carregá-lo o tempo todo. Nossa sorte é que... — e parou subitamente de reclamar ao perceber a senhora Norda, o neto, um menino muito gordo de cabelos vermelhos, e seu inseparável cãozinho caminharem na direção deles. — Essa não! Tínhamos de encontrar justo “esse traste”?

Não fosse o desespero do momento, Eliah teria dado algumas gargalhadas, pois sempre que via o neto da senhora Norda lembrava-se da história repetida com ironia por Mem, a respeito do grande orgulho da vizinha. O maior desejo dela fora ter uma neta com uma prodigiosa memória, como a dos elefantes. Já havia escolhido até o nome da menina: Haliá, numa alusão à fêmea do elefante. Ao invés de uma neta, tivera um neto, mas para não perder a motivação deralhe o nome de Haliô. Segundo os comentários jocosos de Mem, os desejos da senhora Norda não foram atendidos exatamente como

*O herdeiro especial*

almejava: do elefante, a criança ficara com o prodigioso corpo; já a memória ficara com o elemento mais simpático da família, o cachorrinho do menino.

Isso se passou num relance pela cabeça de Eliah, instantes antes de ele sentir um calor queimar-lhe o rosto e gotas de suor lhe cobrirem a testa. “Está acontecendo novamente”, pensou incomodado, sentindo uma sonolência invadi-lo.

Nos momentos de aperto ou preocupação, SEMPRE era surpreendido por esses sintomas “inexplicáveis”, e em seguida, misteriosamente, a situação se resolvia a seu favor sem que fizesse absolutamente NADA. Nunca comentara o fato com a avó ou com Mem e jamais conseguira entender por que isso ocorria.

Parado ao lado de Mem, Eliah sentiu estarem salvos. Novamente o inexplicável ocorrera. A senhora Norda e o neto passaram por eles sem notá-los, como se não existissem. Somente o cãozinho parecia perceber alguma coisa, pois permaneceu parado ao lado deles, latindo alucinadamente, como se pudesse vê-los.

Eliah se recordava disso enquanto admirava a paisagem e as nuvens de pássaros em revoada. O barco deslizava pelas águas do lago verde, cercado por uma exuberante e variada vegetação, quando uma observação sarcástica de Mem, sentado a seu lado, tirou-o do estado contemplativo.

— Não disse que o cão era o único com cérebro naquela família? Só ele sentiu nossa presença, apesar de estarmos invisíveis.

Antes de Eliah dizer qualquer coisa, Mem perguntou.

— Aconteceu novamente, não foi?

— O quê? — perguntou Eliah.

— Você resolveu a situação. A senhora Norda e o neto não puderam nos ver — disse Mem com um sorriso de compreensão.

— Quando percebeu que isso acontecia comigo?

— Já faz tempo! — exclamou. — A princípio, tive alguma desconfiança, mas certeza mesmo eu só tive naquele jogo de tóris

*A Unidade dos Seis*

contra o Marceteutus Tratius e sua mulher, aquela baixinha insignificante, mais parecida com um “cilindro com cabeça” — completou Mem, fazendo um de seus “elogios” a um casal de vizinhos de quem já fora amigo. — Um dia, depois do acontecido, contei a sua avó o que você tinha feito. Ela então, me contou sobre seu dom para resolver os problemas de forma mágica, embora você não tivesse consciência disso. Desde então, quando vejo que começa a transpirar e ficar sonolento, sei que tudo vai ser resolvido.

Elijah lembrava-se com clareza daquele episódio.

Em Tússu, a maioria das residências possuía um campo em que se praticava o jogo mais difundido entre seus habitantes: o túris, cujas regras eram tão antigas que não havia registro de sua origem.

Mem era um dos melhores jogadores desse esporte e semanalmente organizava partidas com seus conhecidos. A última delas, contra Marceteutus Tratius e sua mulher, não terminou, ou melhor, terminou muito mal. Na manhã do jogo, Elijah acordara, não com o som de bolas sendo jogadas, mas com o ruído de uma verdadeira guerra na quadra de túris. Aos berros, a cilindro com cabeça fazia acusações a Mem, pondo em dúvida a contagem dos pontos feita por ele, que, por sua vez, retrucava, ofendido, dirigindo-lhe uma série de adjetivos nada dignificantes.

Elijah lembrava-se de ter-se dirigido às pressas à quadra para tentar o impossível: acalmar Mem.

Ao chegar lá, notou não ser Mem, mas sim Marceteutus Tratius, em geral calmo, quem estava totalmente fora de si, gritando desaforos com uma voz afinada, pressionado pelo olhar ameaçador da cilindro com cabeça. Surpreendido, Elijah preparou-se para interferir, mas, antes de fazê-lo, sentiu os sintomas inexplicáveis. Então o inesperado ocorreu, encerrando a discussão de forma cômica. As roupas de Marceteutus Tratius e sua mulher desapareceram como por encanto, diante dos olhos de todos os presentes. Elijah nunca esquecera a imagem dos dois correndo desesperados para casa,

*O herdeiro especial*

debaixo da estrondosa gargalhada de Mem. O caso terminara nos tribunais de Tússu, com Mem sendo acusado pelo casal Tratus de cometer um crime de difícil compreensão, até pelos juízes que deveriam julgá-lo: “Constranger terceiros a ridículo público por meio do uso de métodos sobrenaturais”. Mem, em contrapartida, processou o casal por “insanidade mental perigosa”.

Graças ao bom senso da avó de Eliah, que “obrigou” as duas partes a desistirem dos processos, a disputa acabou, embora já houvesse se tornado motivo de chacota na cidade.

Mem parecia lembrar-se também do acontecido, pois não conseguia esconder o sorriso de prazer estampado no rosto.





CAPÍTULO 12

# Aos pés da Cordilheira Branca

**A**PÓS DEIXAREM O BARCO, ELIAH E MEM CONTINUARAM A PÉ ATÉ O GRANDE BOSQUE. Depois, seguiram por uma trilha que ia dar na base da Cordilheira Branca. Em meio ao grande silêncio, ouviam apenas o som de seus passos, e essa monotonia logo cansou Mem.

— Vamos descansar um pouco!

— Não podemos — respondeu Eliah. — Temos que chegar às Quatro Colunas antes do solstício de verão.

— O que é esse tal de solstício de verão?

— É o dia do ano em que, ao meio-dia, o sol atinge seu ponto mais alto no céu. Tem-se o dia mais longo e a noite mais curta do ano. É o oposto do solstício de inverno, quando se tem o dia mais curto e a noite mais longa.

— Ah! — exclamou Mem com cara de quem não entendera nada. — Mas por que temos que chegar a essas colunas antes disso?

— Isso só saberemos quando estivermos lá.

Mem não disse mais nada até o anoitecer quando chegaram a uma cabana com aspecto de abandono.

*O herdeiro especial*

— Este lugar parece mal-assombrado! — exclamou Mem, espiando o interior sombrio quando a porta se abriu com um rangido irritante.

Como não havia móveis, acomodaram-se de qualquer jeito e dormiram profundamente. Quando Eliah acordou, estava sozinho e o sol já ia alto. Perdera a conta de quanto tempo se passara.

Imediatamente algumas perguntas o assaltaram: teria perdido o solstício? E onde Mem se enfiara?

Desanimado, deixou a cabana e sentou-se nos toscos degraus da varanda, nos quais nem sequer reparara quando chegaram na noite anterior. Só então olhou ao seu redor e a visão deixou-o boquiaberto: um cenário deslumbrante parecia engoli-lo. A enorme cordilheira se abria à sua frente e o fazia sentir-se insignificante diante da imensidão dela.

Vendo-a, veio-lhe à mente o mapa deixado pela avó e a linha vermelha pintada nele. Só aí compreendeu que ela indicava o caminho até as Quatro Colunas. O início do percurso estava à sua frente, entre duas pedras ovais. Ali começaria a travessia.





## CAPÍTULO 13

# Rumo às Quatro Colunas

**O** DIA PASSOU VAGAROSAMENTE, SEM SINAL DE MEM, QUE SIMPLEMENTE DESAPARECERA. JÁ ERA NOVAMENTE NOITE QUANDO ELE RETORNOU. Estava exausto, mas feliz.

— Onde se meteu até essa hora? Esqueceu-se do solstício? — perguntou Elish, àquela altura já desesperado.

— Esqueci — respondeu Mem, sentindo-se culpado. — Quando acordei, vi um animal tão bonito que parecia irreal, ficava me rodeando e, quando me aproximava dele, se afastava. Queria pegá-lo de um jeito ou de outro, comecei a persegui-lo e só percebi o quanto me afastara muito tempo depois.

— Você não pode seguir seus impulsos. ALGUÉM se aproveitou de sua curiosidade para nos atrasar. Com certeza esse animal nunca existiu — repreendeu-o Elish, deixando-o triste e pensativo. — ALGUÉM quer nos impedir de chegar às Quatro Colunas a tempo. Agora só nos resta descansar e esperar o dia amanhecer.

Aquela noite Elish dormiu muito mal. Sonhou que chegara atrasado às Quatro Colunas e uma risada cavernosa ecoava pela cordilheira, caçoando de sua aflição. Quando acordou, estava sem forças

*O herdeiro especial*

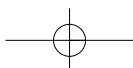
para se levantar, mas um barulho vindo de fora o despertou completamente. Era o elétrico Mem às voltas com a construção de um trenó.

— Eliah, venha ajudar-me a terminar esse trenó! — ouviu Mem gritar quando saiu da cabana. — Não me olhe assim. Foi o “Velho Fantasma” quem me orientou — justificou-se ao ver o olhar de interrogação de Eliah.

Em seguida, relatou, orgulhoso, o ocorrido.

— De noite, enquanto você dormia profundamente, acordei com uma sensação estranha. Não se ouvia um barulho, nem se via uma luz. De repente, a porta da cabana se abriu sozinha e alguém entrou. Fiquei paralisado. Meus braços e pernas pareciam petrificados e, conforme os segundos passavam, meu temor crescia. Subitamente, alguém parou ao meu lado. Nesse mesmo instante o brilho do luar clareou a cabana, revelando uma figura coberta por uma capa preta da cabeça aos pés. O rosto dele estava oculto, mas senti que nada de mal nos faria, mesmo quando me recriminou: “Você teve um mau começo em sua jornada, deixando-se levar pelas armadilhas colocadas por Maléfica ao longo do caminho. O solstício se aproxima celeremente e, nesse ritmo, vocês não chegarão a tempo às Quatro Colunas. Por isso, vou fornecer-lhes os apetrechos necessários para construir um trenó que os ajudará a carregar o baú. Dessa maneira, poderão alcançar seu destino mais rapidamente. E lembrem-se: o tempo de vocês expira depois de amanhã ao meio-dia”, disse isso e desapareceu assim como havia surgido. Nesse momento, os primeiros raios de sol invadiram a cabana e desde então estou trabalhando.

— Velho Fantasma!!! — exclamou Eliah, pensativo. — Só pode ser a “cabeça-chefe”. Ele disse que sempre estaria conosco.



*A Unidade dos Seis*

ALGUMAS HORAS DEPOIS, COLOCARAM O BAÚ EM CIMA DO TRE-NÓ E PARTIRAM EM DIREÇÃO ÀS PEDRAS OVAIS, INÍCIO DO PERCURSO PINTADO EM VERMELHO NO MAPA.

Quando passaram por elas, a brisa suave transformou-se em vento gelado, que ficava mais e mais forte sempre que Eliah consultava o mapa.

“Alguém quer me tirar o mapa”, pensou, preocupado, mas não intimidado. Queria chegar o mais depressa possível ao quadrilátero marcado no mapa. Só sosseitaria quando estivesse lá, pois saberia que as colunas estavam próximas.

Para seu desapontamento, entretanto, só o alcançaram próximo ao anoitecer.

— Falta muito para chegarmos às colunas? — perguntou Mem, sentando-se, cansado, no baú.

Eliah ficou calado. Não teve coragem de contar-lhe o que descobrira, ao olhar para o alto à procura delas, quando pisaram no quadrilátero. Preferiu deixá-lo descansar tranquilo, pois ao amanhecer perceberia que a plataforma onde as colunas se encontravam estava muito acima deles. Nunca a alcançariam até o meio-dia!

“Todo o esforço para chegar até aqui foi em vão”, pensou Eliah, frustrado, deitando-se e adormecendo imediatamente.

Quando acordou, o dia estava claro e as cores transbordavam na paisagem. A pequena bolsa de couro amarrada à sua cintura vibrava estranhamente e, aos seus ouvidos, parecia emitir um som cavernoso, semelhante a um grito que dizia: “Venci”.

“Não estou vencido, tem de existir outro caminho”, pensou, abrindo o mapa e olhando-o fixamente.

Mal fizera isso, sentiu o calor queimar-lhe o rosto e algumas gotas de suor cobrirem-lhe a testa.

“Os sintomas”, pensou Eliah, lembrando-se do que a avó escrevera: “Seus poderes ficarão mais fracos nas montanhas”.

Mesmo assim percebeu que ainda conseguia fazer alguma coisa, pois nesse instante o mapa fechou-se sozinho.

*O herdeiro especial*

Ao abri-lo novamente, teve uma grande surpresa: todos os traçados haviam desaparecido, e na folha branca surgia, solitária e quase transparente, uma encosta vertical postada nos fundos do quadrilátero, em cujo interior podia vislumbrar tenuemente uma comprida escada.

No último degrau, cintilava uma mensagem estranha:

SE ESTIVER ATRASADO, PROCURE NO CHÃO DO QUADRILÁTERO UM PÉ DE ALABASTRO, COM APENAS TRÊS DEDOS, VOLTADO PARA A DIREÇÃO SUL. PEGUE-O E BATA COM ELE TRÊS VEZES NA ENCOSTA. NINGUÉM ATENDERÁ, MAS, SE VOCÊ TIVER ESCOLHIDO O PÉ CORRETO, A BRISA SOPRARÁ E NA ÚLTIMA BATIDA A ESCADA DOS DUZENTOS DEGRAUS SE ILUMINARÁ PARA VOCÊ PASSAR.

Depois disso o traçado antigo do mapa reapareceu, e vários pés de alabastos surgiram no chão. Estavam voltados para todas as direções, mas só dois tinham três dedos.

Nessa altura Mem já havia acordado e o olhava, espantado.

— O que está procurando? — perguntou ele, aproximando-se de Eliah.

— Um pé de alabastro com três dedos.

— Estou quase pisando em dois — gracejou Mem.

— Qual deles está voltado para o sul?

— Bom, acho que o da direita — respondeu Mem, após breve observação.

— Concordo — disse Eliah, enquanto pegava o pé de alabastro e o batia contra a parede rochosa, como determinava a mensagem.

— O que está fazendo? — perguntou Mem, aproximando-se com o baú.

Antes que Eliah respondesse a encosta sumiu e uma escada comprida surgiu na frente deles.

— A montanha se abriu para que possamos passar! — exclamou Mem, espantado. — Como descobriu essa escada?

*A Unidade dos Seis*

— Se fôssemos escalar a encosta, não chegaríamos a tempo, então o mapa...

— Não precisa explicar — resmungou Mem, sem paciência para entender outro mistério. — Nunca vi tanta complicação. Que herança!



JÁ ERA QUASE MEIO-DIA QUANDO ATINGIRAM O TOPO DA ESCADA. ELIAH TORCIA PARA SAÍREM PRÓXIMO DAS COLUNAS, MAS PARA SEU DESESPERO CHEGARAM A UMA TRILHA ESTREITA, UM POUCO ABAIXO DELAS.

— Saímos no lugar errado! — disse Mem, com as pernas tremendo pelo esforço da subida.

Elijah estava desolado. Não havia tempo para alcançá-las, pois acabara de soar meio-dia.

Nesse instante o sol atingiu em cheio as colunas, transformando-as em monumentos solitários e imponentes que pareciam flutuar acima das montanhas. De onde estava, pôde observar um raio de sol passar por um pequeno orifício no topo da coluna menor, e incidir sobre outro pequeno orifício de mesmo tamanho, localizado na parede da montanha onde a trilha terminava.

Quando o raio atingiu o orifício, abriu-se uma passagem e toda a encosta tremeu.

— Iahuu!!! — gritou Mem, feliz. — A escada terminou no lugar certo. Chegamos a tempo!!!

— Então, era isso — explodiu Elijah, aliviado. — Para a entrada do atalho se abrir é necessário que um feixe de luz incida no orifício da entrada com o ângulo correto. E isso só acontece quatro vezes por ano. Duas no solstício e duas no equinócio. Por isso as Quatro Colunas — concluiu Elijah, percebendo que ficara sozinho, pois Mem,



*O herdeiro especial*

desinteressado da explicação, já não estava ao seu lado. Levava o baú para dentro da cavidade escura e o chamava aos berros.

— Entre logo antes de a entrada se fechar!

— Você está certo — disse finalmente Eliah, tirando os olhos das colunas. — Tentarei entender depois. A abertura já vai se fechar.

Foi exatamente o que aconteceu. Após Eliah passar pela entrada do atalho, o feixe de luz sumiu e as rochas fecharam-se atrás deles.





## CAPÍTULO 14

# O Atalho das Câmaras Subterrâneas

*M*entu completara 10 anos e isso significava que em breve partiria para o mais tradicional internato de Tússu. A alegria e a vivacidade haviam desaparecido de sua face diante dessa terrível perspectiva. De nada adiantaram seus apelos para dissuadir o pai.

Tio Nil tinha uma teoria: aquela criatura horrorosa, Galla, enfeitiçara o pai de Mentu.

Mentu via apenas um ponto favorável em sua viagem. Realizaria um antigo sonho: atravessar a cordilheira pelo lendário Atalho das Câmaras Subterrâneas.

Iria com o grupo de contato, que estava alojado no Castelo-Pirâmide aguardando o solstício de inverno.

Tio Nil o percorrera apenas uma vez e lhe contara que antes de chegar às câmaras havia encontrado cadáveres intatos, com uma expressão de horror congelada no rosto. Haviam penetrado no atalho inadvertidamente quando a entrada se abriu e morreram aprisionados, pois somente com o Ovo de Kiriak se poderia sair dele.

*O herdeiro especial*

*Ao despedir-se de tio Nil, Mentu abraçou-o com tristeza, mas ele sorriu e disse-lhe em tom encorajador.*

*— É muito importante conhecer os segredos do atalho e aprender a usar o Ovo de Kiriak. Nunca se esqueça: existem apenas dois desses ovos e sem eles é impossível sair de lá.*





CAPÍTULO 15

# *Eliah cruza o Atalho das Câmaras Subterrâneas*

**E**LIAH E MEM SENTIRAM UMA BATIDA FORTE ATRÁS DELES. AS ROCHAS HAVIAM SE FECHADO, DEIXANDO-OS NA MAIS COMPLETA ESCURIDÃO.

— Está vendo alguma coisa? — perguntou Mem sem sair do lugar.

— Absolutamente nada.

— Caímos em uma armadilha — lamentou Mem, inerte. — Alguém deveria ter-nos ensinado como sair daqui antes de entrarmos.

“Mas ensinaram”, pensou Eliah, lembrando-se das palavras da avó: “Para cruzar o atalho, seu guia será o Ovo de Kiriak”.

Silenciosamente, levantou a tampa do baú e debruçou-se sobre ele. Suas mãos procuravam um objeto ao qual dera pouca atenção.

— O que está procurando? — perguntou Mem.

— Isso! — respondeu Eliah, segurando um ovo grande e brilhante: o Ovo de Kiriak. Por alguns instantes admirou-o antes de fechar o baú e colocá-lo sobre ele.



*O herdeiro especial*

— Esse é o ovo mais bonito que já vi — disse Mem, igualmente admirado. — Mas para que serve?

— Ele nos guiará na travessia do atalho — respondeu Eliah, enquanto pressionava um conjunto de pedras verdes que enfeitava o ovo. Instantaneamente o Ovo de Kiriak dividiu-se ao meio e de seu interior saiu uma luz intensa que iluminou a entrada do atalho.

— Que fantástico! — exclamou Eliah. Neste instante deu um passo para trás e caiu em uma saliência na beira de um fosso profundo.

Ao ouvir o barulho da queda, Mem projetou-se na direção de Eliah, inclinando-se perigosamente para a frente. — Agarre minha mão — disse.

Quando estava prestes a cair nas profundezas do fosso as mãos deles se encontraram e Mem puxou-o de volta a terra firme.

— Lugar traiçoeiro! — bradou Mem, enquanto se recuperavam do susto. — Estivemos o tempo todo na beira de um fosso sem percebermos. Precisamos tomar muito cuidado nessa travessia para não termos outras surpresas desagradáveis.

— Mas quem contou-lhe sobre o ovo? — perguntou Mem.

— Minha avó. Na carta que me deixou — respondeu Eliah, enquanto observava uma reluzente miniatura do Atalho das Câmaras Subterrâneas no interior do Ovo de Kiriak. — Estamos no começo do atalho; olhe o fosso onde quase caí.

— Que perfeição! — exclamou Mem, vendo os detalhes sofisticados com que a miniatura fora feita. — Mas descobri um erro.

— Qual?

— A ponte sobre o fosso, mostrada na miniatura, não existe na realidade.

— É verdade! — suspirou Eliah, segurando o ovo acima da cabeça para iluminar melhor o lugar.

Nesse momento, algumas pequenas rochas que pendiam do teto e lembravam cristais translúcidos passaram a ter um efeito radiante ao serem atingidas pela luz, clareando o local e mostrando um

*A Unidade dos Seis*

cenário profundamente aterrorizante: alguns esqueletos encostados ao longo da parede rochosa.

— Não conseguiram passar — concluiu friamente Mem. — Espero não terminarmos como eles.

— Não terminaremos dessa maneira se entendermos a mensagem das rochas — disse Eliah, tentando ignorar os esqueletos e procurando se concentrar na frase que acabara de descobrir acima da entrada:

**GIRE A PONTE E ELA APARECERÁ.**

— O que isso significa? — perguntou Mem.

— Significa a existência de uma conexão entre o atalho e o Ovo de Kiriak. Os comandos dados no ovo se refletirão no atalho — deduziu Eliah, satisfeito com a descoberta, enquanto puxava a ponte esculpida no ovo.

De início, nada aconteceu, mas alguns instantes depois a ponte em miniatura brilhou e a verdadeira ponte emergiu do fundo do fosso, ligando os dois lados do abismo. Agora eles podiam seguir adiante.

Em silêncio atravessaram a ponte e seguiram pelo corredor estreito que vinha logo depois. Eliah ia à frente, segurando o ovo aberto para iluminar o caminho. Por várias horas ouviram apenas o som de seus passos e o ruído dos filetes de água que escorriam pelas paredes rochosas. O único sinal de vida, eram alguns morcegos saídos do teto abobadado do atalho quando algum cristal estalava ao ser atingido pela luz do ovo.

— Por quanto tempo teremos de percorrer este corredor? — perguntou Mem, impaciente.

— Não sei — respondeu Eliah, tentando calcular a proporção entre a distância caminhada e o comprimento do corredor representado na miniatura do atalho. Mas desistiu em seguida, pois se sentia cansado demais para fazer cálculos.

*O herdeiro especial*

— Estou exausto! — exclamou Mem, parando de repente. — Recuso-me a continuar sem uma parada.

— Então, estamos chegando ao lugar certo — riu Eliah pela primeira vez em muito tempo —, pois estamos próximos da Câmara do Descanso.

— Como sabe? — perguntou Mem, incrédulo.

— Por esse aviso que acaba de aparecer na parede — e parou para ler:

A CÂMARA DO DESCANSO SE APROXIMA.

Por mais três vezes a frase se repetiu, até chegarem à entrada da câmara.

— Não acredito! — bufou Mem. — Está fechada.

— Mas deixaram uma mensagem — disse Eliah, pegando uma placa encaixada em um vão da porta.

— Não agüento mais tanto mistério — resmungou Mem. — Qual é a mensagem?

LEVITAR, FLUTUAR, RELAXAR,  
NO AZUL PROFUNDO VOCÊ DORMIRÁ  
ATÉ SEU CORPO DESCANSAR.

— Só?

— Só — respondeu Eliah, recolocando a placa no vão da porta e puxando a portinha da câmara esculpida no Ovo de Kiriak.

Passados alguns segundos, da mesma forma como sucedera com a ponte, a portinha brilhou e a porta de pedra que fechava a câmara se abriu silenciosamente.

— Isso não é Câmara do Descanso coisa nenhuma. Aqui só existem rochas pontiagudas e úmidas — resmungou Mem quando entraram nela.

Eliah não disse nada. Experimentava uma sensação relaxante ao ser iluminado pela luz azulada emitida pelos cristais espalhados

*A Unidade dos Seis*

por todo o teto. Deitou-se nas rochas pontiagudas, mas não sentiu nenhum incômodo. Pelo contrário, sentiu apenas o corpo flutuar, levitando até o teto abobadado.

Deu uma volta sobre si mesmo, sem sentir o peso do corpo, e lá do teto viu Mem parado, em pé, olhando-o, espantado.

— Faça o mesmo! — gritou lá de cima.

Elijah não soube dizer se Mem foi impregnado das luzes azuis ou da tranqüilidade da câmara, pois após alguns segundos estava levitando ao seu lado. Depois disso não viu mais nada. Voltou a si apenas quando sentiu o corpo sendo puxado para baixo. Estava na saída da câmara.

— Como chegamos até aqui? — ouviu Mem perguntar atrás dele.

Era um mistério. Sabia apenas que nunca se sentira tão bem. Estava descansado e leve.

— Agora já posso continuar. Estou inteiro como nunca estive — disse Mem, puxando o baú e recomeçando a caminhar.

O corredor seguinte era mais estreito e escuro. Lá não havia ruído algum e nenhum dos dois se preocupou em saber por quanto tempo caminharam por aquela extensão monótona. Pareceu-lhes não ter demorado para chegar à segunda câmara.

— Está fechada também — disse Mem, bastante calmo.

Havia uma inscrição quase apagada na porta:

UM PEDIDO SE REALIZARÁ,  
SE NA CÂMARA DO DESEJO  
CONSEGUIR ENTRAR.

— E agora? — perguntou Mem, desconfiado.

Elijah procurou a porta correspondente no Ovo de Kiriak e, ao tocá-la, puxou-a com cuidado. Instantaneamente ela brilhou, e a entrada da segunda câmara se abriu.

— Estamos na Câmara do Desejo — disse Elijah, feliz.

— Isso não existe! — exclamou Mem, duvidando. — Mas vou fazer um teste.

*O herdeiro especial*

— Cuidado com o seu pedido — alertou Eliah.

— Gostaria que nos fosse servido um banquete porque estou morto de fome e sede — disse Mem, rindo.

Para sua surpresa, quando acabou de falar, as rochas tremeram e um vento frio e cortante invadiu o lugar, levantando uma nuvem de poeira que os cegou. Ao abrirem os olhos, estavam diante de uma mesa comprida repleta de iguarias.

— Unh! — disse Mem, sentando-se rapidamente e fazendo outro pedido.

— Lembre-se, aqui é a Câmara DO DESEJO — disse Eliah ao ver a surpresa de Mem por não ter o segundo desejo satisfeito. — Você já gastou o seu.

— Droga! — foi a seca resposta de Mem, sorrindo em seguida. — Então, vamos aproveitar e comer sem parar.

Depois de quase uma hora, Mem era o retrato da felicidade: — Estou satisfeito. Queria agora uma cama para deitar — disse com voz séria, percebendo que não adiantava mudar o tom da voz, pois seu único desejo já fora realizado.

— Eu, não! — disse Eliah, olhando em direção à saída, impossível de ser vista, e falando sem pensar. — Preferia estar na entrada da terceira câmara.

Quando acabou de falar um vento forte levantou-os e carregou-os para onde ele pedira.

— Por que não desejou estar na saída do atalho? — reclamou Mem, enquanto se levantava.

— E por que gastou o pedido com um banquete? — retrucou Eliah, recriminando-se por ter-se esquecido de que também tinha direito a um pedido.

Por alguns instantes os dois emudeceram, até que se olharam e começaram a rir gostosamente.

— A comida estava ótima! — gargalhou Mem.

— Pelo menos já chegamos à entrada da terceira câmara — disse Eliah.

*A Unidade dos Seis*

— E para variar temos outra frase — disse Mem, ao ver outra inscrição ao lado do arco de entrada:

O CAMINHO DE IDA NÃO É O CAMINHO DE VOLTA. NINGUÉM CHEGARÁ AO CASTELO-PIRÂMIDE SEM PASSAR PELA CÂMARA DO ESPELHO DA VERDADE. ELE O DESNUDARÁ E SEU ADVERSÁRIO VOCÊ SERÁ.

O coração de Eliah bateu descompassado. Não sabia por quê, mas estava apreensivo.

Nesse momento Eliah ouviu a gargalhada descontraída de Mem às suas costas. Virou-se e viu-o feliz como havia muito tempo não o via.

— Isso foi muito bom — disse Mem, olhando na direção de Eliah e parecendo enxergar através dele. — Estou vendo a briga que tive com o Tratus e a cilindro com cabeça. Que boa lambada dei naquela metida. Olhe a cara dela antes de sair correndo!

O arco de entrada havia se iluminado e abaixo dele um espelho tornara-se visível. De sua moldura retorcida saíam filetes horizontais que o fixavam nas laterais do arco e obstruíam a passagem.

Eliah procurou o espelho correspondente dentro do Ovo de Kiriak, mas não o encontrou.

Voltou-se e não viu seu reflexo, embora estivesse na frente do espelho. Mem, entretanto, parecia alheio a esse mistério e continuava divertindo-se bastante, sem conseguir parar de rir, vendo coisas que Eliah não conseguia enxergar.

Subitamente Mem ficou sério, caminhou resoluto em direção ao espelho e atravessou-o como se ele não existisse, desaparecendo diante do olhar assombrado de Eliah.

Depois, fez-se um silêncio profundo e Eliah se viu sozinho na frente do espelho. Sua imagem ainda não aparecia refletida nele, mas uma frase foi se formando do outro lado do vidro. As palavras dançaram diante de seus olhos, até se agruparem:

*O herdeiro especial*

AQUELE QUE NÃO CONSEGUIR OLHAR A SUA VERDADE, O  
ESPELHO O APRISIONARÁ.

“Sua verdade”, pensou Eliah, vendo a frase desaparecer e no lugar dela surgir a “Porta da Sabedoria”.

Foram surgindo, então, diante de seus olhos, fatos ocorridos durante sua vida. Lá estavam todas as pessoas com as quais convivera. Lá estavam seus queridos amigos. Lá estavam suas tristezas e alegrias vivenciadas. Lá estava ele e sua verdade.

De repente surgiu no espelho a frase:

CAMINHE EM MINHA DIREÇÃO.

Eliah, quase em transe, obedeceu. Sentiu que atravessava o espelho e, por algum tempo, teve a sensação de estar flutuando no interior de um túnel, atraído por uma claridade. Ao passar por ela sentiu o corpo novamente em terra firme.

— Ainda bem que chegou — ouviu Mem dizer ao ajudá-lo a ficar em pé. — O que viu no espelho?

— Eu mesmo, com meus erros e acertos.

— E você concordou com tudo o que viu?

— Claro — respondeu Eliah.

— Ainda bem que consegui aceitar sua verdade, senão teria ficado prisioneiro do espelho — filosofou Mem. — Não agüentaria ficar aqui sozinho com esses espelhos e essas pessoas.

“Espelhos, pessoas?”, pensou Eliah, ainda confuso, contemplando o interior da câmara iluminada apenas pela luz do ovo. Espantado, viu dezenas de espelhos de todos os formatos e tamanhos espalhados pelas paredes, e em cada um deles havia uma pessoa aprisionada. Todos, quando o viam, choravam e gritavam palavras que ele não podia ouvir. Via apenas desespero em suas faces.

— O que estão dizendo? — perguntou Mem.

— Não consigo entender — disse Eliah, atônito, aproximando-se

*A Unidade dos Seis*

de um dos espelhos onde um monge, de barba branca, comprida, e aparência de sábio, chorava ao lado de uma pilha de livros muito gastos.

— Acho que está aí há muito tempo — disse Mem, sério. — Pelo jeito, já deve ter lido esses livros um monte de vezes.

O monge colocou as duas mãos na superfície refletora. Instintivamente, Eliah encostou as suas nas dele, sentindo um toque gelado passar através do vidro. Os lábios do monge se abriram e uma voz velha e cansada atravessou o espelho:

EU QUERO SAIR. ESTOU ARREPENDIDO. NUNCA ADMITI QUE NÃO PASSAVA DE UM HOMEM COMUM. QUERIA SER O QUE NÃO ERA E PARA ISSO DESTRUI VERDADEIROS SÁBIOS PARA OCUPAR O LUGAR DELES. MINHAS PALAVRAS, USADAS DE MÁ-FÉ, DESTRUÍRAM MUITA GENTE E POR FIM SE VOLTARAM CONTRA MIM. AS PALAVRAS MUITAS VEZES SÃO ARMAS DEVASTADORAS. APRENDI QUE NÃO SE PODE MENTIR PARA O ESPELHO DA VERDADE. ANTES DE A VIDA ACERTAR AS CONTAS COMIGO O ESPELHO O FEZ. VOCÊ PODE ME AJUDAR?

Ao ouvir isso, Eliah tirou as mãos do vidro e se afastou. Compreendeu que ninguém poderia ajudar aquele monge, pois somente aqueles que reconhecessem a própria verdade conseguiriam atravessar o Espelho da Verdade. Ao não admitir o que era na realidade, o pobre monge condenou-se a ficar aprisionado no espelho.

Com tristeza, seguiram em direção à saída. Estavam chegando ao fim do atalho, deixando para trás aquela câmara lúgubre.

“Ficar prisioneiro do Espelho da Verdade não seria uma pena muito exagerada?”, perguntava-se Eliah, enquanto caminhava sem conseguir esquecer o que vira. Com certeza o mundo seria muito diferente se os homens soubessem que teriam de se defrontar, pelo menos uma vez na vida, com o Espelho da Verdade.

— Quanto falta para deixarmos este lugar? — perguntou Mem, interrompendo os pensamentos de Eliah.

*O herdeiro especial*

— Pela miniatura do atalho, é só passarmos pela porta de saída — respondeu Eliah.

— Não parece ser tão fácil assim — exasperou-se Mem ao aproximar-se da saída.

— Não acredito. Está fechada e na miniatura a saída está aberta e... não tem essa estátua — desanimou-se Eliah olhando para uma estátua sem cabeça, com asas no lugar de braços, ao lado da porta de pedra. — É melhor guardar o Ovo de Kiriak, ele não pode mais nos ajudar — lamentou-se sem tirar os olhos da estranha estátua.

Estava fechando o baú, quando uma idéia brotou em seu cérebro. “Já sei”, gritou. Pegou novamente o ovo e colocou-o onde deveria ser a cabeça da estátua. Instantaneamente ouviram um rangido e as asas da estátua e a porta do atalho se abriram num mesmo ritmo. Eliah tirou o ovo de cima da estátua e antes de o atalho se fechar já estavam do lado de fora.





## CAPÍTULO 16

*O Tanteutus engus*

**O** ATALHO DAVA NUMA TRILHA ESTREITA, POR ONDE OS DOIS SEGUIRAM. Elish ainda estava espantado com o Espelho da Verdade, mas, mesmo entristecido, não pôde deixar de admirar o bosque que cruzavam. As folhas faziam um movimento suave ao sabor da leve brisa e o silêncio lhes dava uma sensação de paz.

— Finalmente, um lugar agradável — disse Mem, satisfeito.

Antes que Elish pudesse elogiar a paisagem, o bosque terminou abruptamente, deixando-os em uma encruzilhada.

— Essa não! — exclamou Mem.

Do lado esquerdo a trilha era margeada de árvores frutíferas e belas plantas. Estranhamente o sol banhava apenas aquele caminho, que continuava por um morro e terminava em um castelo de pedras amarelas brilhantes.

— Chegamos ao seu castelo! — sussurrou Mem, virando o baú para o lado esquerdo, sem se importar com a outra trilha. — O sol está nos recebendo!

Do lado direito, nuvens cobriam o céu e a paisagem era monótona, formada apenas de vegetação rasteira, onde se sobressaía apenas um obelisco.

Mem, satisfeito por considerar a viagem terminada, falava sem parar sobre tudo o que pretendia fazer nas próximas horas. Iria comer



*O herdeiro especial*

MUITO, descansar MUITO e passear MUITO e não pensar em nada por MUITO tempo.

Elijah, por sua vez, estava pensativo. Antes de morrer, a avó o alertara das encruzilhadas. Apesar do falatório de Mem, tentava estudar com cuidado qual caminho deveria escolher, quando uma “aparição” surgiu na trilha que ia em direção ao obelisco.

— O que é aquilo? — perguntou Mem, arregalando os olhos, surpreso com a aparição que caminhava desengonçadamente na direção deles e tinha a aparência de um pato, mas com bico fino e comprido. Equilibrava-se sobre duas patas muito pequenas, dando a impressão de que a qualquer momento perderia o equilíbrio. Não parecia ter mais que quatro palmos de altura e trazia enrolada na língua uma caixinha em forma de paralelepípedo.

— É um *Tanteutus engus*! — exclamou Elijah, abismado. — Na verdade, é um míni-*Tanteutus engus*.

— Como sabe?

— Esse animal foi extinto há milhões de anos e seu fóssil gigantesco foi encontrado nas montanhas da cordilheira.

— Gigantesco?

— Por isso disse que esse é “míni”, mas o que estará fazendo aqui?

— Vai ver que vive por aqui!

— Exatamente neste lugar, não — disse Elijah, enquanto o animal se aproximava. — Seu fóssil e de mais quatro outros animais, todos extintos há milhões de anos, foram achados praticamente por acaso em uma das montanhas da Cordilheira Branca. Até esse dia, acreditava-se que nenhum animal pré-histórico vivera nas terras tussianas — suspirou Elijah, certificando-se de que Mem o estava ouvindo. — Estavam todos enterrados à mesma profundidade e muito próximos uns dos outros. Provavelmente foram surpreendidos por alguma catástrofe.

— Isso para mim é novidade — disse Mem, mais calmo.

— Se você tivesse visitado nosso museu — continuou Elijah —, teria visto os fósseis expostos no terceiro andar. Os estudiosos

## A Unidade dos Seis

crêem que onde hoje está a Cordilheira Branca existia, na época em que esses animais viveram, uma imensa planície à beira-mar, salpicada de vulcões. Com o tempo, o mar invadiu a planície, que teria ficado submersa para sempre se não houvesse um inexplicável desastre até para os cientistas. Segundo eles, o solo deve ter se comprimido, abrindo fendas profundas na planície submersa, sugando o mar, e em seguida se expandido com um bafo estarrecedor, fazendo surgir a Cordilheira Branca. Uma alteração na atmosfera, não explicada até hoje, modificou a temperatura e deixou as montanhas inteiramente cobertas por uma camada de neve. Passaram-se centenas de anos até o lugar se descongelar. Os picos, entretanto, permaneceram cobertos de neve para sempre e por isso esse tesouro pré-histórico guardado no Museu de Tússu ficou preservado ao longo dos tempos.

— Se voltarmos para casa — disse Mem, meio desconsolado com a sua ignorância e visualizando toda a catástrofe —, vou vê-los no museu para saber como eram. Mas, agora, vamos para o castelo — continuou, impaciente, virando-se para a trilha da esquerda, ignorando o animalzinho coberto por uma penugem azul, parado na frente deles, olhando-os fixamente com os imensos olhos amarelos sem pálpebras. — Antes que Eliah decidisse o caminho a seguir, o desengonçado animalzinho entregou-lhe a caixinha trazida no bico, com lágrimas nos olhos.

— Por que ele estará chorando? Se ao menos pudéssemos compreendê-lo — suspirou Eliah.

— Isso você pode — ecoou uma voz dentro da cabeça de Eliah. — Fui designado há muito tempo para entregar-lhe esta caixinha.

Eliah olhou para ele, estupefato. Conseguiu somente balbuciar uma pergunta:

— O que há dentro dela?

— Com quem está falando? — perguntou Mem, vendo-o falar sozinho.

— Com o *Tanteutus*. Não está ouvindo?



*O herdeiro especial*

— Claro que não! Bicho por acaso fala? — respondeu-lhe Mem, achando que os últimos acontecimentos tinham mexido com o juízo de Eliah.

— Pois esse está falando comigo — respondeu Eliah.

— Na caixa estão aprisionados os espíritos de quatro fósseis — continuou o *Tanteutus engus*. — Guarde-a com muito cuidado, pois poderá ser de grande utilidade no futuro.

— O desengonçado continua falando? — tornou a perguntar Mem.

— Sim — respondeu Eliah enquanto guardava a caixinha no baú. — Diz que podemos precisar dela.

— Bom — disse Mem, passando apressado pelo *Tanteutus engus*. — Se isso é tudo, vamos para o castelo.

Nesse momento Eliah ouviu novamente o *Tanteutus engus*:

— Não se aventure pela trilha da esquerda, pois foi criada pelo mal para tirá-lo do verdadeiro caminho. Se enveredarem por ela, não conseguirão voltar. E saiba: aquele não é o seu castelo.

— O que foi agora?

— O *Tanteutus* está nos alertando sobre o caminho da esquerda. Diz que devemos seguir pela trilha da direita.

— Como pode acreditar nele? — irritou-se Mem. — Nem o conhece!

Entretanto, Eliah permanecia indeciso. A carta da avó ecoava-lhe na cabeça. Ela tentara alertá-lo sobre o caminho mais fácil, exatamente o preferido de Mem.

— Vamos pela trilha da direita — decidiu-se Eliah depois de refletir por alguns instantes.

— Vai preferir acreditar nele?

— Vou sim — disse Eliah, decidido, partindo em direção ao obelisco, seguido de perto pelo *Tanteutus engus*.

Sem alternativa e resmungando bastante, Mem foi obrigado a acompanhá-los.



CAPÍTULO 17

# O obelisco

**A**O CHEGAREM AO OBELISCO, ELES SE ENTREOLHARAM. À FRENTE, A TRILHA SE PERDIA DE VISTA.

— Não falei para não confiar nesse pato! — indignou-se Mem.  
— Não existe nada no fim deste caminho.

— O obelisco é o fim do caminho. Você tem a chave! — ecoou novamente a voz do *Tanteutus engus*.

— O que estamos esperando? — impacientou-se Mem.

— Acalme-se! Estou analisando o obelisco. Acho que a resposta está nele.

— Quem são esses bichos? — perguntou Mem, ao verificar as figuras de quatro animais esculpidas nas faces do obelisco.

— São os quatro animais pré-históricos encontrados em Tússu, de que lhe falei.

— Este grandão, como se chama?

— *Mostefanteus* — explicou Elish, admirando o desenho. — Essas duas presas ao lado do nariz eram de um material semelhante ao marfim e estraçalhavam quem cruzasse seu caminho.

— Lembra um elefante — disse Mem, estudando-o com cuidado.



*O herdeiro especial*

— Apenas quatro vezes maior — riu Eliah. — Sua pele era dura como uma armadura e devia ser um pesadelo vê-lo movimentar-se pelos campos. Esse aqui — continuou, contornando o obelisco — é o *Trairius alcepaceus*. Como era pequeno e preguiçoso, seu principal meio de locomoção eram as costas do *Mostefanteus*, onde vivia agarrado. Seu alimento eram os restos de comida deixados pelos outros animais.

— Parece um rato com dentes pequenos e orelhas gigantes — disse Mem, observando o animal.

— O penúltimo é o *Morcepterus cangus*, o mais traiçoeiro de todos os animais pré-históricos conhecidos. Conduzia os outros animais para onde houvesse alimentação e depois os atacava enquanto comiam, sugando o sangue deles. Provavelmente levava o grupo ao local onde foram encontrados quando ocorreu a catástrofe.

— Tipo bem covarde — disse Mem com raiva —, parece um morcego com essas asas abertas.

— Não se tem certeza do poder de seus dentes afilados, mas são próprios para sugar sangue — disse Eliah, fazendo uma pausa antes de completar: — E o último é o *Tenthaculus*.

— Como sabe todos esses nomes esquisitos?

— Adorava ir olhar esses fósseis no museu. Por isso sei tudo sobre eles.

— O *Tenthaculus* era vermelho como está pintado no obelisco? — perguntou Mem, não escondendo a curiosidade.

— Ele era assim mesmo.

— Parece ter saído direto do inferno. Parece um lagarto de olhos vermelhos, orelhas e boca preta. Fiquei arrepiado só de ver! — exclamou Mem, perguntando em seguida: — O que faremos agora? Esse *Tanteutus* não diz nada?

Eliah não retrucou. De alguma maneira sabia que, naquele momento, o animalzinho já não podia ajudá-lo, mas lhe dissera uma coisa importante: ele tinha a chave.

O obelisco o convidava a entrar, mas não existia nenhuma porta.

## A Unidade dos Seis

A única abertura era um pequeno buraco quadrado, exatamente do tamanho da caixinha que o *Tanteutus engus* lhe entregara.

— Coloque o Ovo de Kiriak aí — disse Mem sem pensar, ao vê-lo estudar a cavidade.

Elijah nem se deu ao trabalho de responder. Acabara de deduzir algo importante: a caixa entregue pelo *Tanteutus* era a chave para entrar no obelisco. Retirou, então, a caixinha do baú e a encaixou no buraco.

Instantaneamente uma pequena porta se abriu entre as pernas do *Mostefanteus*.

Mem ainda alertou que era perigoso entrar ali, mas Elijah recolocou a caixinha no baú, e os três entraram no obelisco.

Lá dentro estava frio e escuro como azeviche. De repente duas bolas amarelas faiscaram ao lado de Elijah.

— Temos de chegar à outra porta — ecoou a voz do *Tanteutus engus* dentro da cabeça de Elijah. — Vamos!

— O que é isso? — soou a voz de Mem acima dele.

— São os olhos do *Tanteutus*. Ele está nos conduzindo à saída.

— Andar nessa escuridão, atrás de dois olhos. Era só o que me faltava! — reclamou Mem, tropeçando enquanto puxava o baú.

— Só você poderá abrir a porta — ecoou novamente a voz do *Tanteutus engus*, quando as bolas amarelas pararam subitamente na frente de uma parede escura, onde havia uma pequena cavidade branca. — Coloque sua mão direita na cavidade. Será feita a leitura identificadora.

— Leitura identificadora! — estranhou Elijah.

— Você logo entenderá. Faça como estou pedindo — insistiu o *Tanteutus engus*.

Ao colocar a mão, ocorreu uma coisa espantosa: a cavidade diminuiu e adquiriu o formato dela. Um calor passou por seus dedos e irradiou-se por seu corpo enquanto uma luz branca saía da reentrância, invadia o interior do obelisco e ofuscava seus olhos.

Tentou mexer a mão, mas estava presa à cavidade. Teve a sensação

*O herdeiro especial*

de que seu corpo se desintegrava. Respirou com dificuldade e achou que fosse morrer sem ao menos ter visto o interior do obelisco. De repente, sua mão se soltou. Estava livre. Sem conseguir abrir os olhos, desequilibrou-se e rolou no chão.





CAPÍTULO 18

# A Fortaleza Anteparo

— **L**EVANTE-SE! — OUVIU A VOZ DO *TANTEUTUS ENGUS* ECOAR NOVAMENTE DENTRO DE SUA CABEÇA.

Elijah abriu os olhos e assustou-se. Já não estava no obelisco, mas, sim, em uma praia de areia branca e fina, num dia claro, típico de verão, e Mem estava ao seu lado, tentando esganar o *Tanteutus engus*.

— Você nos fez pegar a trilha errada! Nunca chegaremos ao castelo de Elijah.

— Acalme-se — gritou Elijah, levantando-se e tentando soltar as mãos de Mem do pescoço do pobre animal. — Ele apenas nos ajudou.

— Acho que perdi a paciência. O que está acontecendo comigo? — perguntou-se Mem, caindo em si, assustado com seu comportamento.

Elijah se distanciara dele e contemplava uma estranha construção de seis andares na ponta da praia.

— Como não reparei numa coisa tão maravilhosa! — exclamou Mem, aproximando-se dele.



*O herdeiro especial*

— Nunca acreditei que pudesse ver com meus próprios olhos uma construção em ESTILO TURION! — disse Eliah, admirado.

— O que é ESTILO TURION? — perguntou Mem, que a esta altura não se espantava com mais nada.

— É o estilo das primeiras construções de Tússu. Era praticamente desconhecido até recentemente, quando algumas ruínas foram encontradas. Com base nelas os arqueólogos conseguiram descrever alguns aspectos de uma típica construção turion. Seria formada por pavimentos superpostos, sustentados por colunas hexagonais, e teria no máximo dois andares, e não seis, como essa.

— Nem em Tússu temos construções tão altas! — exclamou Mem, olhando para cima. — Será esse o seu castelo?

— NÃO! — respondeu uma voz grave.

Instintivamente os dois deram um pulo para trás, assustados.

Parado ao lado deles estava um homem de cabelos pretos e barba longa, vestindo uma estranha calça bufante, parcialmente escondida por uma capa vermelha muito folgada, que dava ao desconhecido a aparência de um balão.

— Seja bem-vindo, Eliah — continuou o estranho. — Esse não é o seu castelo. Apenas uma fortificação que o protege. Essa é a Fortaleza Anteparo. Chegar até aqui pode ter sido fácil, mas continuar será difícil.

— Fácil? — não se conteve Mem. — Só porque você quer. Pensa que não tivemos problemas? Essa é boa!!! Esse sujeito nem nos conhece e acha... — Mem foi impedido de concluir por um discreto empurrão de Eliah.

— Como sabe meu nome?

— Tudo estava traçado desde o início. Apenas cumpro o determinado. Eu sigo as regras e verifico quem pode passar ou não.

— Explicação mais sem pé nem cabeça — disse Mem, sem poder se controlar. — Quero ver alguém nos impedir de passar. E eu gostaria de saber quem é você?

— Eu sou o porteiro — respondeu o estranho.

## A Unidade dos Seis

— Ahh... — resmungou Mem com expressão de pouco-caso. — Tanta coisa e não passa de um porteiro.

Sem dar atenção aos comentários de Mem, o porteiro disse:

— Venham descansar e aproveitem para conhecer a Fortaleza Anteparo — e caminhou rapidamente sem esperar resposta, seguido de perto pelos três.

Poucos minutos depois chegaram à fortificação, que, vista de perto, parecia mais imponente ainda.

— Quantos arqueólogos de Tússu dariam tudo para estar aqui — comentou Eliah enquanto seguia o porteiro por uma escada externa até o segundo andar, na realidade uma imensa sacada com uma fileira de colunas hexagonais, no centro, e alguns recintos abertos no fundo.

— Esse é o segredo! — exclamou Eliah, observando o local. — A construção, na verdade, é toda vazada. São sacadas abertas, superpostas e sustentadas por colunas hexagonais. Só o fundo é ocupado por alguns cômodos, e as ruínas conhecidas tinham apenas a parte da frente.

Mem, preocupado em escolher um aposento espaçoso, não deu atenção às observações de Eliah e, como agradecimento ao *Tanteutus engus* por ter puxado o baú sozinho pela escada, acomodou-o ao seu lado.

— Logo irei chamá-los para a refeição e passar-lhes as provas — disse o porteiro, olhando apenas para Eliah e saindo em seguida.

— Quais provas?... — perguntou Mem, sem obter resposta, pois o porteiro havia desaparecido atrás das colunas. — Nunca vi tipo tão encardido — gritou Mem, esperando ser ouvido pelo porteiro.

— Deixe pra lá — acalmou-o Eliah. — Não se incomode com ele. Vamos aproveitar este lugar!

— Sua avó precisava deixar uma herança tão complicada? — perguntou Mem, aborrecido.

Eliah não descansou. Horas mais tarde, quando o porteiro chamou-os para a refeição, ele já havia percorrido todos os andares da

*O herdeiro especial*

fortaleza, exceto o topo da construção, onde havia um domo, com uma espécie de telescópio no centro. Em vão ele tentara penetrar no interior daquela cúpula, pois encontrara todas as entradas lacradas.

— Pelo visto, você gostou daqui. Percebi que percorreu todos os andares — disse-lhe o anfitrião enquanto os conduzia ao quarto andar, onde uma mesa estava posta.

— Todos, não — corrigiu-o Eliah. — As portas de acesso ao domo, no último andar, estavam fechadas.

— Não se preocupe. Vou deixá-las abertas enquanto permanecerem aqui — respondeu o porteiro, quase atropelado pelo *Tanteutus engus*, que correu em direção à mesa, pondo-se a levar o bico a cada prato, provando um pouco de cada coisa.

— Quantas pessoas vivem aqui? — perguntou Mem, espantado com a quantidade de comida espalhada pela mesa.

— Apenas uma — respondeu com simplicidade o porteiro: — Eu.

Mem mal se deu ao trabalho de fazer qualquer comentário. Estava esfomeado e assobiou de satisfação diante de tantos pratos apetitosos.

Ao final da refeição o anfitrião dirigiu-se a Eliah em tom solene:

— Na condição de porteiro da Fortaleza Anteparo autorizo-o a passar.

Nessa hora o coração de Eliah bateu apertado.

— Esta é a última etapa antes de chegarem ao Castelo-Pirâmide. Ele está muito próximo.

— Ufa!!! — suspirou Mem. — Nem acredito!

— Existe, entretanto, um porém — disse pausadamente o anfitrião. — Só chegará ao Castelo-Pirâmide o herdeiro que conseguir superar as provas “penta-thlicas-tônicas”.

— O quê? — Eliah ouviu Mem berrar. — Mais essa!!! PENTA-NÃO-SEI-O-QUÊ!!! Estamos fora. Já chega. Isso é um abuso. Vamos voltar para casa sem herança mesmo — esbravejou Mem.

— Não há mais volta — disse o porteiro.

## A Unidade dos Seis

“PENTA-THLICAS-TÔNICAS... De novo o número 5”, pensou Eliah, aflito, e em seguida perguntou: — Quais são as cinco provas?

— Já lhes direi. Sigam-me até a janela.

Elijah acompanhou-o, seguido por Mem, que estava inconformado com a existência das provas. Por alguns minutos todos permaneceram em silêncio, contemplando o mar pontilhado de ilhas que se fechavam em um semicírculo próximo à praia.

— Na primeira prova deverá descobrir qual dessas é a “Ilha das Cinco Colunas” e, na segunda, como chegar até ela — disse o porteiro.

— Nem precisamos nos preocupar — disse Mem, fazendo desdém. — Estão próximas da praia. Na pior das hipóteses nadaremos até lá e vasculharemos uma por uma.

Todos ouviram um gemido triste do *Tanteutus engus*. Com certeza imaginava como iria conseguir carregar o baú através do mar.

— Isso é impossível — disse o porteiro com voz grave. — Pode não parecer, mas estão muito além do que aparentam estar. Para alcançá-las é preciso usar o barco no ancoradouro.

O porteiro fez então um longo silêncio antes de continuar:

— Aproveitem enquanto o sol está brilhando. E... mais uma coisa, Eliah, nessas águas sua mente será seu único poder e só fazendo uso dela é que descobrirá como superar as provas.

— Não tem problema, nas montanhas também foi assim — suspirou Eliah, perguntando quais eram as três últimas provas.

— As três últimas provas não são difíceis, mas somente poderão ser resolvidas se conseguirem chegar até a Ilha das Cinco Colunas — explicou o porteiro, para em seguida continuar: — Na terceira prova deverá encontrar as cinco colunas; na penúltima precisará descobrir o Templo da Justiça; e na última, deverá provar sua condição de herdeiro do Construtor. Se conseguir, estará aberto o caminho que os levará ao Castelo-Pirâmide.

Durante alguns minutos Eliah e Mem ficaram trocando idéias

*O herdeiro especial*

sobre qual poderia ser a ilha certa, até perceberem que somente o *Tanteutus engus* lhes fazia companhia. O porteiro havia sumido.

— É melhor encontrá-lo e obrigá-lo a nos dar mais informações — vociferou Mem, indignado.

— Não devemos perder tempo. Ele não nos dirá mais nada — ponderou Eliah, com ar preocupado.





## CAPÍTULO 19

*As provas  
penta-thlicas-tônicas*

**N**ESSE MOMENTO, UM VENTO FORTE ATINGIU A FORTALEZA ANTEPARO, FAZENDO AS PORTAS DO DOMO BATEREM COM FORÇA.

— Ele cumpriu o que disse! — exclamou Eliah ao ouvir as batidas. — As portas do domo foram abertas. Vamos ver se lá de cima descobrimos alguma coisa sobre a Ilha das Cinco Colunas.

Rapidamente chegaram ao alto e penetraram no interior da cúpula, cuja aparência deixou-os maravilhados. Em toda a extensão da abóbada estava entalhado um céu escuro repleto de constelações e, abaixo dele, um telescópio disposto no meio do piso apontava para o espaço através de uma abertura estreita.

— Para que serve tudo isso? — perguntou Mem, exasperado, dando uns passos em direção ao telescópio, onde o mapa das ilhas estava pendurado.

Eliah não se voltou para o mapa nem respondeu à pergunta. Estava absorto, com o olhar fixo num velho timão disposto na frente do telescópio.

*O herdeiro especial*

Mem ia repetir a pergunta quando um relógio pendurado acima de uma das entradas do domo badalou duas horas.

— Temos de nos apressar — disse Eliah, saindo da abstração e lembrando-se de que o porteiro dissera para aproveitarem a luz do dia.

— Este é mais um lugar maluco. O timão de um velho navio no meio de um observatório astronômico. Não faltava mais nada — ironizou Mem, analisando o objeto.

— Deve haver uma explicação para estar numerado de 1 a 12 — comentou Eliah.

— Já vou descobrir o motivo — disse Mem, afoito como sempre e disposto a encontrar uma resposta à sua maneira. Sem parar para pensar, pôs-se a girar o timão para todos os lados, fazendo o telescópio mover-se com um rangido estridente.

Apesar do ruído áspero e irritante, Eliah tentava raciocinar olhando ora para o timão, ora para o mapa, sem nenhuma solução vir à sua mente, até o relógio badalar três horas... O som da pancada ressoou como um aviso, abrindo-lhe a mente e fazendo-o compreender que havia uma conexão entre o relógio e o timão.

— Coloque-o no número 3 — gritou Eliah a Mem, que ia retrucar, mas, ao perceber a expressão resoluta de Eliah, imediatamente obedeceu.

E antes de soar a última badalada das três horas um fenômeno assombroso ocorreu. Os raios de sol convergiram sobre as lentes do telescópio e se projetaram sobre o mar, incidindo em um ponto entre duas ilhas.

— Descobriu qual é a Ilha das Cinco Colunas? — perguntou Mem, intrigado.

— Não, mas, se minha teoria estiver correta, estamos perto de achá-la. Precisamos apenas de mais um teste.

Rapidamente explicou seu plano a Mem e esperaram pacientemente as badaladas das quatro horas.

Quando o relógio tornou a badalar, Eliah colocou o timão no

*A Unidade dos Seis*

número 4. Novamente o fenômeno se repetiu, com os raios se projetando para um ponto entre duas outras ilhas.

— Bem — suspirou Eliah —, às cinco horas descobriremos para qual ilha deveremos ir.

— Essa é a hora mais longa da minha vida — gemeu Mem, impaciente e preparado para agir.

Ao ouvir o badalar das cinco horas, apenas fez o que Eliah havia recomendado: colocou o timão no número 5 e, antes de trocarem uma palavra, ocorreu novamente a convergência entre as lentes do telescópio e os raios solares, que se projetaram diretamente sobre uma das ilhas, que passou a emitir um som musical intermitente.

— Eis a Ilha das Cinco Colunas — gritou Eliah.

— Jamais teria descoberto — disse Mem com sinceridade. — Como deduziu tudo isso?

— Veja só — disse Eliah, lentamente, tentando controlar sua agitação. — O timão está numerado de 1 a 12, como um relógio. Portanto, existe uma relação entre o relógio e as posições em que colocamos o timão.

— O número de ilhas não deveria ser 12 também? — perguntou Mem, percebendo que a quantidade delas era muito maior.

— Não — respondeu Eliah. — O número de ilhas não interfere na solução da prova porque, se colocarmos o timão no número da hora que está badalando, o sol incidirá sobre a lente do telescópio, que projetará os raios sobre um determinado ponto do mar. Mas somente às cinco horas ele iluminará NOSSA ILHA. Compreendeu?

Por alguns instantes Mem ficou silencioso e, de repente, como se recobrasse o humor, disse, afobado:

— Não precisa me explicar mais nada. Vamos para o barco! Vou levar o mapa — pegou-o, sem se importar com os argumentos de Eliah de que já não era necessário, pois tinham encontrado a ilha.

Rapidamente os três deixaram a Fortaleza Anteparo e, minutos depois, andavam novamente pela areia branca.

*O herdeiro especial*

— Talvez um dia vejamos novamente o porteiro — disse Eliah enquanto caminhavam.

— Não faço a mínima questão, mas poderia ao menos ter-nos dito para que lado fica o cais e como fazer para silenciar esse ruído chato — disse Mem, irritado com o som intermitente emitido pela Ilha das Cinco Colunas.

— Veja, Mem! — gritou Eliah, olhando para o lado contrário ao que caminhavam. — O barco está ali — e apontou na direção de um pequeno cais.

Em pouco tempo se aproximaram da embarcação, que parecia irreal aos olhos de Eliah.

— Não pode ser! Estou vendo demais. Isso é uma GALÉ!

— É idêntica às réplicas que eu montava para você — lembrou-se Mem. — Não deve ser original, porque está novinha em folha. Sinta o cheiro de madeira nova.

— É autêntica sim — insistiu Eliah. — Tem até dois olhos pintados na proa, como as embarcações antigas.

— Não gostei deles, parecem ver através do nosso corpo! — arrepiou-se Mem, afastando-se da pintura.

Eliah, ao contrário, vislumbrava por meio deles a galé navegando até a Ilha das Cinco Colunas.

— Olhe quem já está a postos no convés! — gritou Mem.

Ao olhar para cima, Eliah teve de se conter para não rir. O *Tanteutus engus* estava no meio do convés, em cima do baú, com um boné de marinheiro, que cobria os olhos, parte do pescoço e do bico.

— Trouxe meu velho boné — berrou Mem, tentando arranjar a peça sobre a cabeça do *Tanteutus engus*. — Não acha que ficou bem no nosso amiguinho?

Eliah preferiu fingir não ter ouvido o comentário e subiu para o convés: — Vamos navegar!

— *Tanteutus engus*, pegue as velas — ordenou Mem, verificando o mastro vazio. — Devem estar no interior do casco.

O animalzinho, depois de deixar orgulhosamente o boné sobre

*A Unidade dos Seis*

o baú, saiu correndo, todo desengonçado, para baixo do convés, com os olhos mais amarelos que nunca.

— Tem lugar para vinte remos — contou Eliah, percorrendo o convés.

— E onde estão eles? — gritou Mem, olhando a popa.

— Só podem estar no porão! — respondeu Eliah, cruzando com *Tanteutus engus*, que subia a escada ofegante, puxando um “pacotão” branco, aparentemente muito pesado.

— Não há mais nada aqui embaixo! — gritou Eliah depois de vistoriar todo o porão.

— Tem certeza? — berrou Mem.

— Absoluta. Aqui está completamente limpo e vazio.

— Então suba rápido. Venha ver o que o nosso amiguinho encontrou.

Quando Eliah subiu ao convés, deparou-se com Mem olhando, pasmo, para o conteúdo do pacotão espalhado pelo convés e repetindo, furioso: — Isso deve ser uma brincadeira de mau gosto. É impossível navegar com essa galé. Não há remos, leme, nem velas. Só ISSO — e apontava para os objetos espalhados. — Com ISSO vamos para o fundo do mar.

“ISSO realmente é desolador”, pensou Eliah, olhando, desanimado, para os objetos: doze pedras cristalinas que faiscavam ao sol.

— Parecem gemas verdadeiras — disse Mem, irritado. — O que no momento não ajuda nada. Seria melhor se tivessem o formato de remo, não de cristal facetado.

— Essas pedras devem ter alguma função. Precisamos descobrir — disse Eliah, cauteloso.

Mem não disse nada. Estava com aparência de poucos amigos.

— Dê uma volta pelo convés e tente relaxar — pediu-lhe Eliah, sentindo o nervosismo do companheiro.

Contrariado com a situação, Mem acatou a sugestão, mas, mal completou a volta, aproximou-se das pedras e chutou-as para longe.

*O herdeiro especial*

Uma mistura estridente de sons graves e agudos partiu dos cristais no instante em que Mem os atingiu. Em seguida o barco deslizou na água e fez um movimento semelhante a um pulo.

— Entendi o significado das pedras! — gritou Eliah, desesperado. — Segurem-se!!!

Foi a última coisa que conseguiu falar antes de a embarcação levantar a proa e descer num rápido mergulho, levando-os lentamente para o fundo.

Eliah já sabia o que precisava ser feito. Agarrou o pescoço do *Tanteutus engus* quando este passou por ele e alcançou as pedras estranhamente imóveis no convés tombado verticalmente. Com o bico do animalzinho pôs-se a bater, com a força que seu fôlego permitia, em todas as rochas.

A cada batida um som ecoava pela água, acompanhado de um movimento da galé. Eliah, como um verdadeiro maestro, fez o barco parar, andar de lado, embicar para cima, para baixo, exceto voltar à superfície. Após vários segundos de luta incessante e congelado pela água fria, sentiu as mãos afrouxarem e soltarem o *Tanteutus engus*. Extenuado, desistiu da luta e deixou o corpo descer cada vez mais, sentindo o peso da água esmagá-lo e sufocá-lo. Depois de um tempo quase infinito, teve a certeza de que estava morrendo afogado. O mundo tornou-se escuro, pesado e silencioso.

— Você está vivo! — Eliah ouviu a voz de Mem e teve a impressão de alguém batendo em suas costas.

Ele cuspiu uma quantidade imensa de água e abriu os olhos. Estava vivo, deitado no convés da galé, com Mem e o *Tanteutus engus* ao seu lado.

— Ainda bem que está inteiro! — gritou Mem enquanto o abraçava e o *Tanteutus engus* lambia-lhe o rosto.

— Você foi fantástico! As pedras deram direção ao barco. Você nos salvou!! — repetia Mem, inebriado. — Conforme a batida nas pedras o barco tomava uma direção. Quando pensei que fôssemos morrer, você acertou a batida e a galé veio à tona.

## A Unidade dos Seis

— Quem nos salvou foi o nosso amiguinho — disse Eliah, quando conseguiu falar, dando um pequeno tapa no bico que ficara torto por causa das batidas.

— Temos que chegar à ilha antes que anoiteça — interrompeu-o Mem ao perceber que o *Tanteutus engus* ficara emocionado.

— Antes, precisamos estudar as pedras — disse Eliah, já em pé. — Vamos bater de leve nelas. Se o toque for bem suave o barco não fará grandes movimentos.

Começou então a bater em cada uma das pedras notando que algumas vezes mal a pedra emitia um som uma repetição dele vinha de outro lugar.

— Algumas pedras têm eco — disse Mem.

— Não pode ser. Não aqui no mar — disse Eliah, continuando as batidas suaves, até chegar a algumas conclusões.

— Parece existir uma orquestra dentro dessas pedras. Cada pedra executa o trecho de uma música quando é tocada. Se tocarmos a seqüência correta, formaremos uma música que fará o navio navegar. Se executarmos a seqüência errada, afundaremos. O problema é simples: conheço vários trechos, mas não consigo juntá-los em uma composição.

— E por que algumas vezes ouvimos o eco? — perguntou Mem.

— Não sei — foi a resposta curta de Eliah.

Molhados e desanimados, os três sentaram-se no convés sem esperança de descobrir alguma coisa.

Passados alguns segundos, Mem começou a falar com tristeza: — Sua avó adorava música e fazia questão de levá-lo a todas as apresentações da Orquestra Sinfônica de Tússu. Algumas vezes eu também fui, lembra-se? Eram tantas as músicas que eu sempre dormia, mas ela sempre me acordava quando tocavam a sua preferida. Já nem lembro o nome dessa música.

Como se despertasse de um sonho, Eliah gritou:

— Você é um gênio, Mem! Descobriu a música que nos fará chegar à Ilha das Cinco Colunas.

*O herdeiro especial*

— Descobri? — perguntou Mem, abismado.

— Claro! — disse Eliah. — Você lembrou muito bem. Acho que minha avó quis nos deixar uma pista ao nos levar repetidas vezes para ouvirmos essa música.

— Qual é o nome dessa música?

— A *Sinfonia nº 5* de Túzzur. E mais uma vez o número 5 cruza nosso caminho — respondeu Eliah.

— Quem é Túzzur?

— É o maior compositor de Tússu. Está tudo muito claro — continuou Eliah, deixando Mem boquiaberto com seus conhecimentos. — São doze pedras e a sinfonia tem quatro movimentos.

— O que é movimento? — perguntou Mem, enfasiado.

— São as partes de uma sinfonia. Assim, a cada três pedras teremos um movimento. Preciso somente organizá-las.

Em seguida, num ritmo frenético, pôs-se a arrumar as rochas, separando-as em quatro conjuntos, conforme o som que obtinha após uma suave batida em cada uma delas.

Depois de algum tempo ele sentou-se feliz. — O segredo está desvendado.

Mem, até então deitado no convés, incapaz de articular uma palavra de ajuda, conseguiu apenas balbuciar:

— Qual é o segredo?

— A ilha e a galé estão ligadas pelos acordes da sinfonia. Se a tocarmos corretamente, a ilha responderá, atraindo a embarcação. O eco que ouvia era emitido pela Ilha das Cinco Colunas.

— Que complicação! — foi a única coisa que Mem conseguiu dizer.

Animado, Eliah subiu no baú e explicou ao *Tanteutus engus* sua idéia. Em seguida ergueu os braços e, como um maestro, passou a “reger” os passos do animalzinho, fazendo-o correr de uma pedra a outra, batendo em cada uma com o bico.

Ao som dos primeiros acordes, a galé deu uma volta sobre si mesma e começou a deslizar suavemente pelas águas, ganhando velocidade

*A Unidade dos Seis*

conforme a ilha respondia. Somente uma única vez ela não respondeu, fazendo a galé diminuir a velocidade repentinamente.

O *Tanteutus engus*, em seu entusiasmo, havia pulado uma das pedras, mas imediatamente Eliah fê-lo retornar à seqüência correta, e a música ganhou força novamente.

Os passageiros da estranha embarcação não perceberam, mas o vento também soprava no compasso da *Sinfonia nº 5* de Túzzur, que enchia o espaço e se propagava pelo mar, abrindo mais depressa o caminho até a Ilha das Cinco Colunas.

Estavam tão envolvidos pela música e pela travessia, que só perceberam ter chegado à ilha quando o barco ancorou.

— Finalmente chegamos! — respirou Eliah, surpreso com o diminuto tamanho da ilha. — Superamos a segunda prova.

A ilha deserta deixou Mem desconfiado: — Não vejo nenhuma coluna.

— Vamos procurar! A ilha é pequena — animou-se Eliah, pulando na água, seguido do *Tanteutus engus*.

Entretanto, quando a noite chegou, haviam revirado a ilha de ponta a ponta e não tinham conseguido encontrar nenhum vestígio das cinco colunas.

Extenuados, dormiram na relva macia que cobria a porção central da ilha e Eliah teve um sono agitado. Sonhou estar no meio do mar, completamente só, flutuando entre cinco colunas. Antes de seu corpo ficar enrijecido pelo contato da água fria, nadou e segurou-se na maior delas, tentando levá-la até a ilha, mas percebeu que era uma tarefa impossível. Agoniado, compreendeu: seria muito difícil passar pela terceira prova.

De repente, sentiu uma mão pousar em sua cabeça e ao se voltar viu sua avó ao seu lado.

“Muitas vezes as respostas estão ao alcance dos nossos olhos”, disse ela, afastando-se.

“Não se vá!”, gritou Eliah ao vê-la se distanciar. “Fale-me mais.” Porém, sua avó apenas sorriu e flutuou, desaparecendo na bruma noturna.

*O herdeiro especial*

Quando acordou, ainda era noite e a lua iluminava toda a ilha.

Elijah sentou-se na relva e, olhando ao redor, notou alguns pontos luminosos no solo, a poucos passos de onde se encontrava.

Intrigado, acordou Mem e juntos foram até lá.

Ao chegarem, perceberam que os pontos luminosos eram na verdade cinco placas de alabastro fixadas no solo formando a figura de um pentágono. “Cinco novamente”, pensou Elijah, observando no centro do pentágono uma pequena base cilíndrica sobre a qual havia um estranho objeto, que ele conhecia muito bem. Era um astroloc.

— O que é tudo isso? — perguntou Mem, confuso.

— Parece que estamos diante de um observatório astronômico ao ar livre — respondeu Elijah observando os objetos. — Em cada uma das placas luminosas está desenhada uma constelação. Este instrumento é um astroloc, usado para descobrir a localização dos astros no espaço sideral.

— Será que chegamos à ilha do astroloc em vez de à Ilha das Cinco Colunas? — gracejou Mem, desanimado.

— Estamos na ilha certa. As placas e os instrumentos são apenas pistas de um enigma. Se conseguirmos decifrá-las, acharemos as cinco colunas — disse Elijah, enquanto dava um polimento na lente do astroloc.

— Já entendi. Quando decifrarmos o enigma, teremos descoberto a Constelação das Cinco Colunas? — chutou Mem.

— Não existe nenhuma constelação com esse nome — respondeu Elijah, fingindo não ter entendido a provocação.

— Não faço a mínima idéia de como vamos decifrar o enigma — disse Mem.

— Vamos raciocinar com calma! Não me parece coincidência o fato de estarmos procurando cinco colunas e encontrarmos cinco placas representando cinco constelações e ainda um astroloc. Algo me diz que, se conseguirmos localizar essas constelações no espaço, teremos decifrado o enigma.

— E como fará isso? — perguntou Mem.

*A Unidade dos Seis*

— É muito simples. Para localizarmos um ponto no globo terrestre utilizamos as coordenadas da latitude e da longitude e para localizarmos um corpo celeste no espaço utilizamos azimute e altura.

— Ainda não entendi.

— É aí que entra o astroloc: teclamos as coordenadas de cada constelação e sua lente convergirá para essa constelação.

— E depois? — perguntou Mem apressadamente: — Podemos determinar a localização do Planeta das Cinco Colunas?

— Pare de falar besteiras. Também não existe nenhum planeta com esse nome — repreendeu-o Eliah.

— Quais constelações estão representadas nas placas? — perguntou Mem.

— As constelações do Besouro, do Cavalo, do Leão, da Serpente e da Tartaruga, por sinal as mais famosas — respondeu Eliah — Vou teclar as coordenadas de cada uma delas e ver o que acontece.

— E como você vai descobrir quais são as coordenadas?

— Não preciso descobrir. Eu as conheço há muito tempo — respondeu Eliah. — Um dos meus passatempos prediletos, após as aulas no Instituto Astronômico de Tússu, era memorizar as coordenadas das constelações. Vou começar pela constelação do Besouro — continuou Eliah, enquanto teclava as coordenadas correspondentes.

Instantaneamente a luminosidade da placa onde estava desenhada a constelação do Besouro ganhou maior intensidade, e um feixe azulado, com os contornos da constelação, projetou-se da placa e propagou-se no espaço.

Eliah, maravilhado, continuou a teclar as coordenadas enquanto observava o feixe luminoso de cada constelação projetado no espaço.

Quando o feixe azul da última constelação propagou-se no espaço, um som estridente ressoou pela ilha e um espetáculo impressionante desfilou diante dos olhos estupefatos de ambos. No local onde as placas estavam fixadas emergiram cinco majestosas colunas que, envoltas pelos feixes luminosos, pareciam pairar no ar.

*O herdeiro especial*

Elijah e Mem entreolharam-se felizes. Haviam encontrado as cinco colunas. A terceira prova estava concluída.

Cansados, dormiram ali mesmo e, quando acordaram, ainda estava escuro.

— Você tem alguma idéia de como descobriremos o Templo da Justiça — perguntou Mem, bocejando.

— Ainda não — respondeu Elijah. — Mas se meu palpite estiver certo encontraremos a solução nas cinco colunas.

Começou, então, por analisá-las. Diferiam no diâmetro e na altura, mas no restante eram semelhantes: lisas, sem nenhum adorno e com um número dourado gravado na base de cada uma delas. “Haveria mesmo uma conexão entre elas e o Templo da Justiça?”, perguntou-se Elijah.

Sentir que o tempo passava rapidamente sem conseguir vislumbrar a solução da quarta prova deixava-o apavorado. Notou Mem tomado pelo mesmo sentimento. Caminhava impaciente entre as colunas analisando suas superfícies. Depois de algum tempo, ele se aproximou desanimado.

— Já tem alguma idéia?

— Ainda não, mas estou estudando esses números nas bases das colunas.

— Você vê neles algum significado? — perguntou Mem.

— Acho que sim. Todas as constelações são identificadas, além do nome, por um número em ordem crescente, atribuído pelo Instituto Astronômico de Tússu. O número na coluna corresponde ao número da constelação na placa. — E foi dizendo os números de cada uma delas:

- 5 — BESOURO
- 10 — TARTARUGA
- 20 — LEÃO
- 25 — SERPENTE
- 30 — CAVALO

*A Unidade dos Seis*

— Estranho. Esses números estariam numa seqüência crescente de 5 em 5, não fosse o fato de que está faltando o número 15 — disse Mem, pensativo. — Mesmo eu, que só faço duas pedras se iluminarem e uma terceira piscar quando passo pela Porta da Sabedoria, percebo isso.

— É verdade — animou-se Eliah. — Isso significa que está faltando a constelação número 15.

— Qual é o nome dela? — perguntou Mem.

— Constelação do Templo Menor — respondeu Eliah, correndo até o astroloc.

— O que vai fazer? — perguntou Mem, alcançando-o.

— Teclar as coordenadas da Constelação do Templo Menor. A de número 15.

— Não vai adiantar — disse Mem. — Vai achar a coluna do Templo Menor e isso não serve para nada, porque na quarta prova temos de encontrar o Templo da Justiça.

— Você está errado. Deve haver uma conexão entre essa constelação e o Templo da Justiça. — argumentou Eliah, enquanto apontava o astroloc para o espaço e teclava as coordenadas da Constelação do Templo Menor.

Dessa vez, porém, parecia que Mem estava certo, porque nada aconteceu. De repente, sem qualquer aviso e silenciosamente, começou a emergir da relva uma base cilíndrica, sobre a qual havia uma construção em miniatura.

— O que é isso? — perguntou Mem, aproximando-se do objeto para ver melhor.

— Parece ser um templo — respondeu Eliah.

— Você encontrou o Templo da Justiça! — parabenizou-o Mem, aliviado. — Mas que pequeno!

— Ainda não estou certo disso. Dentro existe apenas uma estátua ladeada por uma balança e uma pira — disse Eliah, tentando enxergar por entre as colunas que rodeavam o vão central do templo.

*O herdeiro especial*

— Se tivéssemos um pouco mais de luz poderíamos ver todos os detalhes e teríamos certeza de que esse é o Templo da Justiça.

— E se acendêssemos a pira?

— Ela é muito pequena. Se tentássemos, incendiaríamos todo o templo.

— Deixe comigo — disse Mem, enquanto colocava um pequeno graveto em chamas no interior do templo.

— Cuidado! Você está encostando-o em vários lugares. Deixe que o leve até a pira e... — interveio Eliah.

A última coisa que ouviu foi Mem perguntando: — Tem certeza...? — Depois uma chama brilhou na pira e um estrondo rasgou a escuridão.

Eles nunca souberam se o templo cresceu ou se eles encolheram. A única certeza foi a sensação de cruzar uma cortina escura que se abriu, deixando-os na frente de um enorme templo.

Eliah viu o assombro estampado nos olhos de Mem e do *Tanteutus engus*. Tentou dizer alguma coisa, mas sua voz teimava em não sair. Parado ali, diante daquela majestosa construção, procurava lembrar-se do lugar onde havia visto algo semelhante. Recordou-se de uma das primeiras vezes em que fora ao museu. Estava com a avó em um salão fechado para o público. “Você vai ver um quadro que nunca poderá esquecer”, disse ela em tom confidencial. “Ninguém sabe quem o pintou, mas um dia ele será importante para você. Não se esqueça.” No salão vazio havia apenas um quadro pendurado na parede do fundo. “O que é isso?”, perguntou, apontando para o desenho esmaecido de um templo no quadro. “Aqui foram feitos os primeiros julgamentos de Tússu”, disse a avó, emocionada. “Se um dia for encontrado, processos importantes serão desenterrados e julgamentos extraordinários virão à luz. Esse é o TEMPLO DA JUSTIÇA.”

— Passamos pela quarta prova! — exultou Eliah. Haviam encontrado o Templo da Justiça.

— Ainda bem! — exclamou Mem. — Não vejo a hora de estar longe desta ilha.

*A Unidade dos Seis*

Elijah, por sua vez, não se cansava de admirar o templo. Calculou haver no piso retangular mais de cem colunas de mármore decoradas com cenas de julgamentos, que davam ao Templo da Justiça um aspecto apropriadamente sóbrio.

Aquela beleza, entretanto, não o fez esquecer que continuavam na ilha, pois reconheceu as cinco colunas em pé nos degraus do templo. Eram idênticas às que emergiram das placas.

Por um segundo seu olhar foi desviado das colunas para o fogo da pira, a cada instante mais fraco. “Isso não é um bom sinal”, pensou, preocupado.

— É melhor entrarmos no templo — ouviu Mem dizer.

— Também acho. Precisamos de respostas.

— Engano seu. Nós é que precisamos de respostas — falou uma voz vinda de trás de uma das cinco colunas que se movimentaram, fechando-lhes a passagem.

De trás das colunas, quatro homens e uma mulher saíram e se dirigiram a uma mesa comprida postada na frente deles. Vestiam uma toga preta, que lhes dava a aparência de magistrados.

Elijah lembrou-se de que nos últimos anos a avó o levava inúmeras vezes para assistir a algum julgamento. Nunca entendera o motivo dela. “Será que ela também previra esse momento?”, pensou, recordando-se das salas dos tribunais em que estivera.

“O juiz principal deve ser aquele no centro da mesa”, raciocinou. Era careca, gordo, e olhava para ele com indiferença, como se estivesse enfasiado. Do seu lado direito estava o mais magro e o mais alto de todos. Sua pele enrugada dava-lhe uma aparência centenária. A cabeça pendia para a frente, talvez devido ao peso do enorme nariz. O terceiro juiz, um baixinho, de barba por fazer e todo amassado, sentou-se do lado esquerdo do juiz principal.

— Não gostei daquele de orelhas grandes — disse Mem, enquanto apontava para aquele sentado na ponta da mesa —, nem da mulher — indicando com um meneio de cabeça uma baixinha na outra ponta. — Como é feia!

*O herdeiro especial*

Elijah, prudentemente, colocou o baú entre eles e a mesa, assustado com o olhar hostil da juíza depois do comentário pouco generoso de Mem.

Depois dessas considerações, fez-se um silêncio profundo, só quebrado pela voz do juiz principal. Ele falava com autoridade e, conforme o fazia, um dos pratos da balança disposta ao lado da estátua central descia. Até parecia que o som da voz do juiz tinha peso.

Por alguns instantes Elijah e o juiz principal mantiveram um estranho diálogo, atentamente observado por um incrédulo Mem.

— Não entendi nada! — exclamou Mem, irritado. — Em que língua vocês falaram? Quando aprendeu esse idioma estranho? Eu nunca soube... — E começou a gaguejar, exaltado.

— Calma! Falamos em tussiano clássico. Minha avó me ensinou. Ela dizia que um dia me seria útil.

— Diga logo o que esse sujeito disse.

— Ele me perguntou o que tenho a requerer perante este Tribunal.

— Requerer! Tribunal! — espantou-se Mem. — O que respondeu?

— Que vim requerer a propriedade do Castelo-Pirâmide na qualidade de legítimo herdeiro.

— Que bobagem! — irritou-se mais ainda Mem. — Você não precisa pedir nada. Você é o...

— Fique em silêncio. O juiz principal está falando novamente — repreendeu-o Elijah, conseguindo ouvir apenas o final da frase: “Você terá de provar que é o herdeiro”.

— Como posso provar? — ouviu sua própria voz.

— Na Justiça — disse o juiz em tom de superioridade — o ônus da prova é de quem alega; portanto, é isso que deverá fazer. Devo lembrar-lhe, entretanto, que pelo nosso sistema jurídico o título de proprietário é concedido apenas àquele que tenha a posse dos dois objetos que comprovem o direito à propriedade.

— Dois objetos! Quais são eles? — estranhou Elijah. — E se eu não conseguir provar?

## A Unidade dos Seis

— Será condenado por falsidade — disse o juiz, sem responder à primeira pergunta.

— E qual é a pena?

— Será levado para as montanhas geladas e de lá terá de sair por seus próprios meios.

Antes de Eliah fazer qualquer comentário, o juiz continuou em tom solene: — Seu prazo se esgotará quando a chama da pira se apagar.

Voltou os olhos para a chama cada vez mais fraca e pensou em seu pai antes de traduzir para Mem o que acabara de ouvir. Com certeza não conseguira provar que era o herdeiro e por isso ele e sua mãe encontraram a morte nas montanhas geladas. Entendia agora porque a avó nunca lhe contara nada sobre o Castelo-Pirâmide: sabia como tinha sido o triste fim de seus pais.

— Já cansei de tudo isso — explodiu Mem ao ouvir em silêncio a tradução. — Vou acabar com a raça desses cinco. Quem pensam que são? — E avançou na direção dos juizes. Atemorizados, levantaram-se às pressas, ameaçaram retirar-se e encerrar o julgamento.

— Agindo assim, só nos atrasará — repreendeu-o Eliah, ajudado pelo *Tanteutus engus*, postado na frente de Mem.

Depois ficou pensativo. Lembrava-se de sua avó ter mencionado um templo em sua carta. Ela escrevera: "... procure a prova nas colunas do templo..."

"Então era isso", pensou, aliviado, voltando-se para Mem, ansioso por uma resposta. Precisamos procurar nas colunas. Vamos até lá!

— São apenas mais de cem... — ironizou Mem, subindo a escada lateral do templo, desviando-se da mesa e das cinco colunas, ainda juntas, fechando a passagem pela escada frontal.

Lá dentro pararam, assombrados, com o imenso vão interno que não parecia ser tão grande quando visto do lado de fora.

— Essa não é a Deusa da Justiça? — perguntou Mem, orgulhoso de sua sabedoria.

*O herdeiro especial*

— Seria! Se não fosse pelos olhos, que não estão vendados. Na verdade, estão bem abertos e parecem nos hipnotizar quando os encaramos.

Percebendo que Mem parecia não ouvi-lo e mantinha os olhos fixos na estátua, o *Tanteutus engus* deu-lhe uma bicada, fazendo-o urrar de dor.

— Eu arranco seu pescoço — disse Mem, furioso, enquanto corria atrás do *Tanteutus engus*.

— Pare com isso! — gritou Eliah, perdendo a calma. — Ele lhe fez um favor. Você não percebeu? Vamos descobrir a prova, senão acabaremos nas montanhas geladas.

— Se soubesse onde procurar seria fácil — respondeu Mem, olhando as colunas que rodeavam a plataforma retangular do templo.

— Repare, Mem... a parte da coluna virada para dentro do templo tem centenas de pequenos buracos, cada um com um rolo de pergaminho. E cada um deles tem gravado abaixo do capitel um título que, por sorte, não está em tussiano clássico. A única pista que temos é o Castelo-Pirâmide, porque ele é a propriedade. Então, acredito que deve existir uma coluna com a inscrição PROPRIEDADE aqui dentro.

— Existe mesmo! Passei por ela quando perseguia o *Tanteutus engus*. Vou achá-la — disse Mem enquanto se dirigia para o local.

Alguns segundos depois Mem gritou: — Já estou ao lado dela, mas temos um problema — completou, desanimado. — Não existe só uma coluna com o título PROPRIEDADE, mas duas. Uma tem o subtítulo DIREITOS REAIS e um montão de buracos com rolos de pergaminho dentro e a outra tem o subtítulo DIREITOS REALÍSSIMOS e só um buraco com um único rolo de pergaminho nele.

— É esse!! — gritou Eliah, já na escada. — Realíssimo deve estar associado com o castelo.

Mem não entendeu qual era a lógica, mas não discutiu. Rapidamente tirou o pergaminho amarelado do único buraco da coluna Realíssimo e levou-o até Eliah.

*A Unidade dos Seis*

— O que está escrito? — perguntou Mem, impaciente. — Achamos a prova?

Os olhos de Eliah percorriam celeremente o papel, mas nenhum som saía de sua boca.

Mem, em desespero, passava as mãos pelos cabelos e o *Tanteutus engus* bicava o chão, tentando acalmar-se.

— Estamos no caminho certo — disse Eliah. — Aqui ficamos sabendo quais são os dois objetos que comprovam o direito da posse. Está escrito:

O VERDADEIRO HERDEIRO DEVERÁ APRESENTAR AO TRIBUNAL A “PLACA HISTÓRICA” DE PROPRIEDADE DO CASTELO-PIRÂMIDE, JUNTAMENTE COM A “CHAVE DO REGISTRO”, PARA QUE OS JUÍZES ANALISEM A VERACIDADE DA PROVA E DÊEM A SENTENÇA FINAL.

— Droga! O que significa isso? — descontrolou-se Mem.

Eliah não respondeu. Apavorava-o exatamente a possibilidade de não descobrir quais eram os objetos. Voltou-se para os juízes e percebeu que pareciam se divertir com o seu desespero. Lembrou-se de seus pais perdidos nas montanhas geladas e teve medo de ter o mesmo fim. Imaginou-se caminhando na cordilheira, acompanhado por Mem e pelo *Tanteutus engus*, sem rumo certo. Abaixou a cabeça para esconder uma lágrima que escorria pelo seu rosto. Sentia-se completamente desorientado, sem vislumbrar nenhuma saída.

Lentamente, Eliah enrolou o pergaminho, que grudava em suas mãos suadas. Tudo fora em vão. Tirou do pescoço a corrente com o talismã, pensando em colocá-la de volta no baú. Imaginara que um dia fosse entender aqueles caracteres estranhos, gravados na sua base inferior, mas conseguira apenas... apenas... e seu cérebro explodiu numa certeza: encontrara a chave.

— O que descobriu? — gritou Mem ao seu lado.

— O talismã — conseguiu falar —, ele é a chave.

*O herdeiro especial*

— Vou pegar umas roupas quentes para agüentarmos o frio das montanhas. Você enlouqueceu.

— Confie em mim. Estamos no caminho certo. Só falta descobrir onde está o registro.

A palavra REGISTRO martelava em sua cabeça. Se existia a coluna Propriedade, por certo existiria a coluna Registro.

— Precisamos procurar uma coluna com o título Registro.

Em segundos, Mem estava de volta ao templo, olhando as colunas laterais. Num último esforço para saírem daquele lugar, Eliah juntou-se a ele, mas infelizmente nenhuma coluna parecia ter esse título. Já estavam quase chegando ao fim da pesquisa, quando novamente ouviu o grito reconfortante de Mem: — Achei!!! Achei!!!

Ele encontrara uma coluna com o título Registro, repleta não de buracos, mas de pequenos cofres com desenhos estranhíssimos nas portas, sem qualquer significado para ele.

— Tem certeza de que o talismã é a chave? — Eliah ouviu Mem perguntar.

— É claro! — pensou ao olhar novamente os caracteres gravados na base inferior dele. — Deve existir alguma portinha com marcas idênticas a essas — mostrando-as para Mem antes de analisar cada porta.

— Por qual começar? — perguntou-se Eliah, olhando a quantidade de portinhas existentes na coluna e percebendo o tempo se esgotar antes de poder ver todas. — Vou arriscar e começar pelas portas da base da coluna — e abaixou-se, sentindo um forte calor vindo da bolsa, que começou a esquentar e queimar-lhe a pele. — Até parece que ela não quer que eu descubra — disse para o *Tanteutus engus*, que chegara apavorado, e apontando com o bico a chama quase apagada. — Se for isso, devo estar perto da porta certa.

Tremendo e olhando a todo instante para a pira, foi comparando freneticamente os estranhos caracteres com cada um dos desenhos das portinhas. Estava começando a analisar a terceira

*A Unidade dos Seis*

portinha quando novamente o *Tanteutus engus* apontou-lhe a pira, mostrando-lhe que só haveria tempo para mais uma porta. “Vou tentar o número que tem me perseguido: o 5.” Abaixou-se aos pés da coluna e sobrepôs os caracteres do talismã aos gravados na quinta porta de baixo para cima. Com alívio, percebeu eles se encaixarem perfeitamente. Girou então o talismã como se fosse uma chave, parando ao ouvir um estalido. “Finalmente o cofre está aberto”, pensou, enquanto abria a portinha. Dentro dele havia apenas uma placa de mármore preto com o brasão de sua família gravado de um lado e três nomes, do outro. Pegou-a e correu até os juízes, que começavam a se retirar. No exato momento em que a pira se apagava entregou-lhes a placa e o talismã, reconhecendo os três nomes da placa: eram o da avó, do pai e, para seu espanto, o seu próprio. Pelo aspecto assombrado dos cinco juízes, compreendeu que havia conseguido. “Nada mais pode ser feito contra mim”, pensou, permanecendo em pé diante dos magistrados, à espera da decisão.

Seus companheiros imediatamente colocaram-se ao seu lado para acompanhar o exame da prova. À medida que os juízes examinavam a placa e o talismã, os pratos da balança iam se equilibrando. “Então, é isso” compreendeu Eliah. “Quando me pedem alguma coisa, um dos pratos desce e, assim que forneço alguma prova, os pratos retornam à posição de equilíbrio.”

Um a um, cada juiz disse: “Aceito”, até chegar a vez do juiz de orelhas grandes.

— Esse não está com boa cara — cochichou Mem, notando o pouco-caso com que ele olhava os objetos.

Ao final do exame o orelhudo falou por uns instantes e Mem, sem entender nada, percebeu alguma coisa errada, pois Eliah ficou pálido.

— O que foi agora?

— “Ele” está dizendo que uma TAL DE GALLA também reivindica a propriedade do Castelo-Pirâmide.

*O herdeiro especial*

— E quem é ela?

— Isso eu não sei, mas boa coisa não pode ser, porque, nos bilhetes que encontrei no baú, é chamada de MALDITA GALLA.

— Ah, é!!! — berrou Mem desafiadoramente. — Esse orelhudo não me conhece.

— Calma! — tentou tranquilizá-lo Eliah, vendo a situação sair do controle. Mas já era tarde: Mem, furioso, caminhava em direção à mesa, gritando com toda a força para o orelhudo: — Comprado!!! Comprado pela maldita Galla!!! Você sabe que ele é o verdadeiro herdeiro!

Só restou a Eliah saltar sobre Mem para impedi-lo de atacar o juiz.

Amedrontados, os cinco juízes só desistiram de abandonar o local depois de Eliah dirigir-lhes algumas palavras em tussiano clássico. Graças a isso, os juízes confabularam por alguns intermináveis segundos e voltaram a seus lugares.

— Cuidado com o que fala! — sussurrou a Mem.

— Ele que se cuide — respondeu, repassando em voz baixa uma série de adjetivos desqualificativos para o juiz, seu novo inimigo. Ao final dos impropérios, não ouvidos pelos cinco togados, lembrou-se de perguntar: — O que disse para eles reconsiderarem?

— Depois eu falo — respondeu Eliah, pensando que jamais lhe confessaria ter pedido desculpas em nome dele.

Após alguns instantes de silêncio, o orelhudo passou às mãos do juiz principal dois objetos idênticos aos que Eliah entregara.

— O que está acontecendo? — perguntou Mem num sussurro.

— Essas são as provas fornecidas por ela. Eles vão analisar as duas e depois darão o veredicto.

— Eles que se cuidem! — ameaçou Mem. — Se nos prejudicarem, quebro o pescoço deles.

— As coisas não funcionam assim na justiça.

— Mesmo quando nos prejudicam, como esse de orelhas grandes? E onde está essa maldita?

— Silêncio! Vão dar o veredicto.

*A Unidade dos Seis*

O juiz principal pediu que os três se aproximassem. Diante deles examinou a prova da tal de Galla. Eliah notou que a placa de mármore preto dela era idêntica à sua, exceto pelo único nome gravado nela: Galla.

O juiz pegou o talismã dela e encostou os caracteres na placa de mármore ao lado do nome Galla. Por alguns segundos todos ficaram imóveis, aguardando. Em seguida, separou os objetos, balançou a cabeça em sinal de desaprovação, dizendo algumas palavras.

— E agora o que o infeliz disse? — perguntou Mem, tentando se controlar.

— Ele diz que a prova é falsa.

— Iahuuu! — gritou Mem, eufórico. — Para as montanhas geladas, maldita Galla, sua falsária.

— Quietos! — gritou Eliah. — Você vai ser expulso do tribunal.

Mem, entretanto, parecia não se importar. Encarava o de orelhas grandes e cantarolava baixinho:

— Comprado por uma falsária! Comprado por uma falsária!

Parou somente quando o juiz principal pegou as provas de Eliah e encostou os caracteres de seu talismã na placa de mármore. Dessa feita saíram faíscas quando os objetos entraram em contato. E, quando o juiz separou-os, ao lado do nome de Eliah estavam marcados a fogo os caracteres do talismã.

Eliah olhou pela última vez a balança. Os pratos estavam equilibrados.

Os juízes se levantaram e o principal disse em tom solene: — Você cumpriu a exigência imposta aos herdeiros expulsos do Castelo-Pirâmide. Acaba de passar pelas provas penta-thlicas-tônicas. E o talismã que carrega é o que sempre pertenceu à sua família. Eis a sentença: “Você é o verdadeiro herdeiro do Castelo-Pirâmide” — e lhe devolveu a placa e o talismã.

— Agora posso entender o que ele diz — disse Mem, compreendendo o idioma falado pelo juiz.

*O herdeiro especial*

Ao final dessa frase, Eliah pôde sentir a bolsa presa à sua cintura vibrar e queimar-lhe a pele.

Sem se importar, Eliah recolocou a corrente com o talismã no pescoço e guardou a placa no baú. Ao fazê-lo, reparou que ao lado do nome do pai não fora gravado a fogo os caracteres do talismã. Isso lhe deu a certeza de que não conseguira provar sua condição de herdeiro.

— Gostou, orelhudo? — riu Mem, interrompendo os pensamentos de Eliah ao se dirigir ao seu inimigo.

Eliah ia falar, mas o juiz principal, parecendo não ter ouvido o comentário, disse: — Podem passar pela Porta da Justiça.

Nesse momento, as cinco colunas que haviam impedido a passagem deles na escada frontal se abriram, mostrando uma porta que dava para um corredor escuro e comprido.

Imediatamente os três passaram por ela, deixando para trás a ilha e o templo. Estavam livres para entrar no Castelo-Pirâmide.

